

Helena Contaldo Ferreira Martins

A REFERENCIAÇÃO DE INSTÂNCIAS ENUNCIATIVAS E A
CONSTRUÇÃO DA COERÊNCIA TEXTUAL EM
NARRATIVAS ESCOLARES

Helena Contaldo Ferreira Martins

**A REFERENCIAÇÃO DE INSTÂNCIAS ENUNCIATIVAS E A
CONSTRUÇÃO DA COERÊNCIA TEXTUAL EM NARRATIVAS
ESCOLARES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras – Língua Portuguesa, elaborada sob a orientação do Prof. Dr. Milton do Nascimento.

Pontifícia universidade Católica de Minas Gerais
Belo Horizonte
2003

Dissertação defendida publicamente no Programa de pós-graduação em Letras da PUC

MINAS e aprovada pela seguinte Comissão Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Carla Viana Coscarelli
(UFMG)

Prof^ª. Dr^ª. Vanda de Oliveira Bittencourt
(PUC MINAS)

Prof. Dr. Milton do Nascimento – Orientador
(PUC MINAS)

Belo Horizonte, 30 de junho de 2003.

Profa. Dra. Ivete Lara Camargos Walty
Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras
PUC MINAS

Dedico este trabalho ao meu amor, Claitom, que tem o dom especial de ter fé na vida e zelar por aqueles que estão a seu lado.

Este trabalho também é dedicado aos meus mestres da língua portuguesa: Prof. Vicente de Paulo Botelho, Prof^a. Carmem Luiza Rabelo Xavier, Prof. José Francisco Lima Xavier e Prof^a. Juliana Alves Assis, com toda a minha admiração.

Agradeço, pela colaboração e pela dedicação, ao professor Milton e à professora Martha. Agradeço, pelo carinho e pelo incentivo, à minha irmã, Silvia, e à minha mãe, Theresa Christina. Agradeço, pela paciência e pela compreensão, ao Abner e à Gabriela. Agradeço, ainda, ao Sr. Apóstolo e à D. Marlene, incentivadores sempre.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	13
1.1 A linguagem como atividade sócio-interativa	13
1.2 Instâncias enunciativas	14
1.3 Construção da relação enunciador/enunciatário	17
1.4 O processamento dêitico	19
1.4.1 Elementos dêiticos explícitos	21
1.4.2 Índices temporais	22
1.5 Os verbos e expressões <i>dicendi</i> e a articulação de instâncias enunciativas	23
1.6 Síntese	24
2 A REFERENCIAÇÃO DA RELAÇÃO ENUNCIADOR/ENUNCIATÁRIO:	
uma visão quantitativa	25
2.1 Situação de produção	25
2.2 Definição do <i>corpus</i>	27
2.3 Uma primeira análise do <i>corpus</i>	27
2.3.1 Construção da relação enunciador/enunciatário no texto	28
2.3.2 Objetivo do texto	36
2.3.3 Enunciador/enunciatário e tempo/espço discursivos	37
2.4 Primeiros resultados	39
2.5 Síntese	41
3 A REFERENCIAÇÃO DA RELAÇÃO ENUNCIADOR/ENUNCIATÁRIO:	
uma visão qualitativa	42
3.1 Construção da relação enunciador/enunciatário	42
3.2 A localização espaço-tempo de enunciadores, enunciatários e de sua relação	44
3.3 O papel da referenciação da relação enunciador/enunciatário na construção da referência textual	47
3.4 Mecanismos/estratégias de construção da relação enunciador/enunciatário	49
3.4.1 Estratégias mais utilizadas na construção do enunciador	49
3.4.2 Estratégias mais utilizadas na construção do enunciatário	52
3.4.3 Estratégias mais utilizadas na localização espaço-temporal da relação enunciador/enunciatário	57
3.5 Considerações finais	61
CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
ANEXO A – TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS (DIGITADOS)	70
ANEXO B – TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS (CÓPIAS)	98

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o papel da referência da relação enunciador/enunciatário na construção da coerência em textos narrativos produzidos por alunos do Ensino Médio.

Foram analisados quarenta textos qualitativa e quantitativamente, a fim de verificar os mecanismos utilizados pelo(s) autor(es) para construir e manter uma relação entre enunciador e enunciatário ao longo da instância enunciativa. Pode-se verificar que a construção da coerência depende da construção da relação enunciador/enunciatário, da construção do espaço e tempo discursivos e da referência, e, sem um processamento discursivo eficiente, a coerência na produção do texto fica prejudicada.

Palavras-chave: Instâncias Enunciativas;
 Relação Enunciador/Enunciatário;
 Coerência Textual.

**"Todo dia é de viver
Para ser o que for
E ser tudo."**

Beto Guedes

**"Tudo o que faço ou medito
Fica sempre na metade.
Querendo, quero o infinito,**

Fazendo, nada é verdade."

Fernando Pessoa

INTRODUÇÃO

Na educação, nas atividades de produção de texto em sala de aula, os docentes, especialmente os de língua materna, encontram-se diante de muitas dúvidas por parte dos alunos na hora de redigirem textos no cumprimento de tarefas escolares e, muitas vezes, encontram problemas relativos a programar uma intervenção efetiva no processo de ensino da escrita. As dúvidas dos alunos nem sempre são facilmente esclarecidas numa consulta à gramática ou ao dicionário, pois, na maioria das vezes, não dizem respeito a problemas relacionados à ortografia, à acentuação gráfica ou à concordância, mas à própria configuração do texto como um todo.

Como professora, tenho observado, no convívio escolar, dificuldades de professores em socorrer os alunos no que concerne à produção de texto. Muitas vezes os próprios docentes questionam-se sobre a produção de um texto "coerente" e sobre as qualidades que um texto deve ter para ser considerado como tal.

Surgem, então, problemas em que devemos pensar. Um deles, que será focalizado neste trabalho, diz respeito à produção da coerência textual no que concerne à construção e manutenção da relação enunciador(es)/enunciatário(s) na produção de textos narrativos. Como ilustração do problema que é instituído como objeto do estudo pretendido, considere-se o texto (1), a seguir:

1) Eu Esmeralda, *vendo vatapá e acarajé na praia de Itapuã. Há trinta anos vendo comida baiana na praia, e há trinta anos vejo os absurdos que acontece. È roubos, brigas, ontem mesmo vi a briga de um casal de namorados, o Neto e a Dora, brigavam por besteiras.*

Na noite de Natal, aconteceu um roubo, eles chamam esse ato de arrastão. Todas as pessoas gritam, correm, seguram seus objetos de valor. O arrastão é bandidos que vem correndo e levam os objetos das pessoas.

Gostaria que tomassem alguma providência *porque se não os brasileiros vão se acostumar com isso, e achar normal. E a cada dia mais a violência aumentará.*

(Anexo A 6)

Na leitura, ou análise, do texto (1), extraído do *corpus* desta pesquisa, sente-se *falta* de algo: organização, estrutura, coerência/coesão? A proposta de redação a que o aluno foi exposto solicitava a produção de um texto narrativo, do gênero carta, e sugeria a escolha do ponto de vista de um dentre três personagens/enunciadores. O destinatário do texto (alocutário) também foi sugerido pela proposta: um jornal. E o objetivo especificado era narrar um fato ocorrido na praia (arrastão) e solicitar providências das autoridades.

Nota-se, no entanto, que o enunciatário, apesar de ter sido estabelecido, não foi devidamente construído na produção de (1). Não há na materialidade dos enunciados de (1) indícios ou pistas lingüísticas que levem o leitor a lê-lo como um texto destinado a um jornal. Em outras palavras, no texto citado em (1), não se referencia adequadamente a relação enunciador/enunciatário pretendida. E este é um problema recorrente na produção de textos produzidos no processo de aquisição e desenvolvimento da escrita no ambiente escolar. Problema que se mostra ainda mais complexo quando o texto produzido envolve a criação e articulação de várias instâncias enunciativas e, portanto, a articulação adequada da referenciação de várias relações enunciador(es)/enunciatário(s), como no caso de textos narrativos que envolvem vários personagens e variados diálogos.

Trata-se de uma situação complexa que envolve, na organização do processo de ensino/aprendizagem da escrita, uma intervenção qualificada do professor. Mas, para isso, faz-se necessário, entre outras coisas, que os professores sejam capazes de operar com os mecanismos léxico-sintático-discursivos envolvidos na criação e articulação das instâncias enunciativas, principalmente no que concerne à referenciação das relações enunciadores/enunciatários. E operar com tais mecanismos enunciativos no âmbito de um projeto de ensino/aprendizagem da escrita supõe identificá-los e explicitá-los em suas manifestações no processo de produção de textos por parte dos aprendizes. Supõe, a partir da produção dos alunos, tentar identificar com que hipóteses eles trabalham para usá-los da maneira como o fazem, explicitar a maneira como representam, no processo de aquisição da escrita, as situações de interlocução que, na fala, já dominam.

É com a intenção de contribuir para este possível trabalho por parte do profissional do ensino/aprendizagem da escrita que se delimitou o objeto do presente estudo e se estabeleceram seus objetivos: procurar identificar e explicitar os mecanismos léxico-sintático-discursivos utilizados pelos alunos da segunda série do Ensino Médio na referenciação da relação enunciador/enunciatário, uma das operações de discursivização envolvidas na construção da coerência textual.

O trabalho foi estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo, procurar-se-á explicitar os pressupostos teóricos básicos que sustentarão a análise. No segundo capítulo procurar-se-á apresentar uma primeira visão do fenômeno em estudo através de uma análise quantitativa. Uma análise qualitativa dos dados do *corpus* será apresentada no terceiro capítulo. As conclusões do trabalho serão apresentadas no quarto capítulo.

O *corpus* da pesquisa constitui-se de textos produzidos por alunos da 2ª série do Ensino Médio de uma escola da rede particular da região metropolitana de Belo Horizonte. Foram selecionados aleatoriamente, dentre oitenta textos, quarenta para análise quantitativa. Desse total, procurou-se restringir a vinte narrativas o material para averiguação e exemplificação dos mecanismos utilizados.

A escolha desse tema justifica-se também pela sua possibilidade de identificar e explicitar habilidades lingüísticas dos alunos envolvidas no processo de construir uma instância de enunciação, colocando-se como “eu”, no lugar de um dos personagens propostos, estabelecer o alocutário, construindo-o como enunciatário, relatar o evento e solicitar providências ou denunciar o fato.

A produção de texto foi realizada por 80 alunos da 2ª série do Ensino Médio (duas turmas de 40 alunos cada), em sala de aula, com a duração de uma hora/aula, pela pesquisadora. As turmas de 2ª série são compostas por alunos de níveis variados, porque a escola, na região em que se encontra, atende a alunos de várias classes sociais e econômicas, que cursaram o Ensino Fundamental em escolas públicas e privadas. Foi selecionada para o estudo quantitativo uma amostra de 40 textos (50% do total), da seguinte forma: foram escolhidos apenas os alunos de números pares para amostra (Anexos B, 1 a 40). Já em um segundo momento, foram selecionados os vinte primeiros textos (Anexos B, 1 a 20) para análise qualitativa, a saber, ilustração dos dados obtidos no total do *corpus*.

Desse modo, tentou-se garantir e preservar uma realidade objetiva, dentro dessa totalidade de quarenta textos, da amostra como um micro universo da produção de todos os informantes.

CAPÍTULO PRIMEIRO

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 A linguagem como atividade sócio-interativa

Desde a Antigüidade Clássica, o homem tem se preocupado com a linguagem, procurando entendê-la. Questões como a natureza das palavras e a função da comunicação são objeto de controvérsia entre lingüistas até hoje.

Houve uma época em que se considerou a linguagem como a expressão pura do pensamento: as palavras refletiriam as idéias, transmitindo informações de um indivíduo a outro. Posteriormente postulou-se que a finalidade maior da linguagem era a comunicação. Esta visão de linguagem, típica do estruturalismo lingüístico, teve uma grande influência na organização didático-pedagógica dos projetos de ensino/aprendizagem do português. Não é difícil encontrar, até hoje, em livros didáticos, propostas de exercícios baseadas no célebre modelo do processo de comunicação proposto por Jakobson (1929), estruturado a partir das seis funções básicas da linguagem, a saber: a função emotiva, a apelativa, a referencial, a fática, a poética e a referencial.

Hoje predomina, até mesmo nos documentos oficiais que orientam a organização do processo de ensino/aprendizagem na educação formal, uma visão de linguagem como atividade sócio-interativa que, segundo Koch, traduz-se na “capacidade que tem o ser humano de interagir socialmente por meio de uma língua, das mais diversas formas e com os mais variados propósitos” (KOCH, 1995, p.12).

Nesta perspectiva, considera-se que a linguagem, capacidade própria do ser humano, capacidade que o retirou do mundo da natureza e o inseriu no mundo da cultura, é o lugar no qual o homem interage com seu semelhante, realizando “os mais diversos tipos de atos, que

vão exigir dos semelhantes reações e/ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes.” (KOCH, 1995, p.10).

Nesta pesquisa, adotar-se-á esta visão de linguagem como atividade interativa. Utilizando pressupostos fornecidos, principalmente, pela teoria da enunciação, tomar-se-á como objeto de análise não apenas o produto do processamento discursivo - o texto, os enunciados - mas também suas condições de produção, os fatores constituintes básicos do processamento discursivo, que necessariamente deixam suas marcas no próprio enunciado.

1.2 Instâncias enunciativas

São numerosos os trabalhos produzidos no domínio da Lingüística, ou Teoria, da Enunciação. Para os fins deste trabalho, iremos nos basear nos estudos de Émile Benveniste, cuja teoria, desenvolvida na França, de 1939 a 1972, fornece-nos os pressupostos básicos necessários à abordagem do tema objeto de nosso estudo.

Benveniste defendia a tese segundo a qual não é possível estudar a língua considerando apenas a organização, o sistema de formas lingüísticas subjacente à configuração dos enunciados. Postulava que era necessário analisar a língua num domínio mais amplo do que o da frase. Esta mesma idéia é defendida por outros estudiosos da linguagem. Weinrich, em 1964, utilizou pela primeira vez o termo “Lingüística do Texto”. Van Dick (1983) propôs a elaboração de uma gramática do texto, idéia que seria posteriormente abandonada. Tornou-se um consenso que seria preciso buscar outros instrumentais teórico-metodológicos para se chegar a uma teoria consistente do texto.

Chegou-se, então, em várias vertentes dos estudos lingüísticos, a uma visão de texto como um dos fatores constituintes do processo da enunciação, numa perspectiva segundo a qual não se poderia estudar um texto sem se considerarem suas condições de produção/recepção: as relações entre locutor e alocutário; as imagens que um faz do outro; as imagens, ou representações, que o locutor, o alocutário, ou ambos, fazem do assunto abordado; o meio de circulação do texto, a finalidade de sua produção/recepção, etc.

Entre as condições de produção/recepção de textos, há de se incluir a competência lingüística dos falantes, as condições de produção, entre as quais se inclui, necessariamente, o que Benveniste (1970) denomina "O Aparelho Formal da Enunciação".

Para Benveniste (1975), a enunciação é um ato de fala único e jamais repetido, no qual estão necessariamente presentes o locutor, aquele que fala, que se “apropria” da língua, construído como um “eu”, o enunciador, e o alocutário, instituído como um “tu”, o enunciatário. O locutor dirige-se a um alocutário em seu discurso, instituindo-o como um “tu”, o enunciatário. Apesar de haver críticas a Benveniste, pelo fato de ele falar em “apropriação” de língua, esta sua noção de enunciação será adotada para subsidiar este trabalho, noção esta que aponta claramente a interação como propriedade definidora da relação enunciador/enunciatário.

Segundo Benveniste, é na relação entre “eu” e “tu”, na relação enunciador/enunciatário, que se constrói a referência, o assunto, o “ele”. Colocar a língua em funcionamento é construir na e pela enunciação um dado momento e um determinado lugar discursivos, o que dá ao processo da enunciação a sua característica de irreversibilidade. Isto é, mesmo que o locutor e o alocutário sejam os mesmos, que os enunciados sejam os mesmos, enfim, mesmo que se tente criar uma situação semelhante à de uma enunciação passada, ela nunca será repetida, pois, entre outros fatores, o tempo e o lugar discursivos serão outros. Por isso Benveniste afirma que o ato de colocar a Língua em funcionamento, através da enunciação, é um ato único que nunca poderá ser repetido.

Cada processo de enunciação é único, mas se constrói sempre através de uma mesma forma: o aparelho formal da enunciação. O “eu” referencia um “tu” e, **na** e **pela** linguagem, constrói um tempo e um espaço discursivos. Benveniste chama de Aparelho Formal da Enunciação esse modelo de organização da produção discursiva, comum a todas as línguas, modelo a que aqui denominaremos uma instância enunciativa.

Benveniste faz uma distinção entre as pessoas do discurso e a não-pessoa. Para ele, são pessoas do discurso o “eu” e o “tu”. O “ele” é a não-pessoa. Essa distinção provém da diferença tanto de função quanto da natureza entre “eu” e “tu”, de um lado, e “ele”, de outro. O “eu” e o “tu” são as duas pessoas do discurso e a terceira pessoa “representa de fato o membro não-marcado da correlação de pessoa”. O pronome “eu” remete àquele que fala, e, quando o alocutário passa a ser o enunciador, ele também faz uso da mesma forma – eu – para designar-se. Benveniste diz que “...fora do discurso, o pronome não é senão uma forma vazia, que não pode ser ligada nem a um objeto nem a um conceito. Ele recebe sua realidade e sua substância somente do discurso.” (BENVENISTE, 1975, p.69)

Nesta perspectiva, Benveniste entende que somente são pessoas do discurso aquelas cuja denotação se circunscreve ao processamento enunciativo, que são o “eu”, o enunciador, e

o “tu”, enunciatário. Diferentemente da 1ª e 2ª pessoas, o “ele” não denota apenas uma entidade de discurso, referenciando “objetos” ou “classe de objetos”, como fazem os nomes.

Em outras palavras, o “eu” e o “tu” são pessoas do discurso por serem criados e só terem sua referência **no** e **pelo** processamento discursivo, “... desde que ele (o enunciador) se declara locutor e assume a língua, ele implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro.” (BENVENISTE, 1975, p.84)

Então, o “ele” constitui-se no discurso como a referência, construída na articulação dos tópicos e sub-tópicos discursivos. A “referência é parte integrante da enunciação” (BENVENISTE, 1988, p.84). O “eu”, o enunciador, o “tu”, o enunciatário, e o “ele”, a referência, são fatores constitutivos do processo de enunciação. São entidades lingüísticas criadas no e pelo discurso.

Cada vez que um locutor se “apropria” da língua e a coloca em funcionamento, ele se institui como o “eu” do discurso, uma pessoa, a 1ª pessoa. Cada “eu” tem uma referência distinta em cada instância do discurso. Benveniste explica que “eu” é o “indivíduo” que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância lingüística “eu”. Do mesmo modo tem-se a definição do “tu”, que é alocutado, instituído pelo “eu” na mesma instância de discurso. O “eu” e o “tu”, as pessoas do discurso, são duas categorias de linguagem instituídas por uma série de “indicadores”: pronomes, advérbios, tempos verbais, que funcionam juntamente a essas pessoas na criação de cada instância de discurso. Em cada situação de enunciação têm-se, então, um enunciador, um enunciatário, uma referência e uma série de indicadores situacionais espaço-temporais. Junta-se a isso que cada produto de uma enunciação - cada enunciado - traz as marcas do processo no qual foi gerado, marcas fundamentais para o seu entendimento.

Assim como os pronomes “eu” e “tu”, outros pronomes e alguns advérbios são, no dizer de Benveniste, “entidades lingüísticas” constitutivas do processamento enunciativo. Isto quer dizer que tais “entidades” só adquirem sua realidade, um significado, no próprio discurso, no âmbito de uma instância de enunciação. Formas como “lá”, “aqui”, “ontem”, “hoje”, entre tantas outras, só podem ser completamente entendidas e situadas dentro de um contexto enunciativo. Do mesmo modo que “eu” designa aquele que fala, “ontem” refere-se ao dia anterior ao que se fala... e assim por diante.

Esses elementos, indicadores de tempo e espaço, serão tratados mais detalhadamente na próxima seção e no decorrer do trabalho, pois têm um papel fundamental na criação e

articulação das instâncias enunciativas. Essas distinções são necessárias para se procurar entender, enfocando a atividade lingüística do locutor, os mecanismos por ele utilizados na construção da relação enunciador/enunciatário, na articulação de instâncias enunciativas.

1.3 Construção da relação enunciador/enunciatário

O presente trabalho trata exatamente dos mecanismos enunciativos envolvidos na construção da relação enunciador/enunciatário em tempos e espaços discursivos, no processo de produção de textos narrativos e das estratégias utilizadas pelos autores para, além de construir tais “entidades lingüísticas”, conseguir mantê-las articuladas, ao longo da produção textual, referenciando adequadamente as relações enunciador/enunciatário.

Benveniste fundamenta a sua tese da subjetividade na língua pelo estatuto da pessoa: o “eu”, o “ego” que se coloca em oposição ao “tu”, abre o espaço do diálogo e, além disso, possibilita a reversão de papéis, isto é, de turnos: as pessoas, os interlocutores, trocam de papéis alternada e continuamente no processamento discursivo. O “eu” passa a ser o “tu” e o “tu”, por sua vez, assume o papel de enunciador.

Para Benveniste, “os indicadores *eu* e *tu* (...) não existem a não ser na medida em que são atualizados na instância de discurso, em que marcam para cada uma das suas próprias instâncias o processo de apropriação pelo locutor” (1988, p. 281).

É, portanto, a instauração do *eu* enunciador que estabelece a instância discursiva. Quando esse indicador é referenciado na instância discursiva, deve-se voltar à instauração do *tu*, enunciatário, para que cada um, em sua instância, refira ao discurso. O autor, ao redigir o seu texto, deve utilizar-se de estruturas textuais que garantam a instauração e a manifestação indicial de instâncias discursivas com a coerente e adequada instauração da relação enunciador (es)/enunciatário(s). Certo é que, ao redigir um texto, se não se levam em conta tais elementos, prejudica-se inclusive e principalmente a coerência do texto.

Para Benveniste, os elementos dêiticos, de que tratará a próxima seção, estão diretamente ligados à enunciação, que, por sua vez, nada mais é que a apropriação, por um falante, do aparelho formal da língua. ‘Eu’ e ‘tu’, em sua relação na virtualidade do processamento discursivo, indiciam marcas da subjetividade porque, no discurso, eles são eles mesmos: ‘eu’ é o enunciador e ‘tu’ o enunciatário, e só se identificam como eles mesmos na

relação enunciador/enunciatário. Eles, nessa relação, instauram-se como sujeitos de sua linguagem.

Todas as questões referentes à construção da referência, segundo Benveniste, repousam na oposição entre a pessoa e a não-pessoa, conforme atesta Lahud:

“A distinção entre ‘pessoa’ e ‘não-pessoa’ reflete, portanto, uma oposição mais profunda, cujo traço distintivo essencial é a relação do sentido dos signos com a enunciação: é a ausência de uma tal relação que faz do ‘ele’ um elemento pertencente àquilo que Benveniste denomina a esfera ‘cognitiva’ da linguagem e, por isso, um signo adequado para designar as coisas da ‘realidade objetiva’; e é a impossibilidade de se conceber a natureza semântica de ‘eu-tu’ fora de uma remissão à enunciação que os torna ‘não-referenciais em relação à realidade’”.
(1979 , p. 109)

Ao distinguir os elementos marcados como “pessoa” - eu e tu - dos elementos aos quais Benveniste chama de “não-pessoa” - temos a referência. Cria-se o referente dentro do que é denominado *esfera cognitiva*, utilizando signos que se referem às coisas da *realidade objetiva*, do mundo real. Desse modo, não é possível conceber uma relação enunciador/enunciatário fora de uma instância enunciativa.

Faz-se necessário, neste momento, verificar como, na instância enunciativa, constrói-se, **na** e **pela** relação entre os enunciadores e a referência, a localização espaço-temporal discursiva em que se inserem os enunciadores. Há de se cuidar dos mecanismos e recursos próprios, que, no nível discursivo-lingüístico, possibilitam a inserção e a manutenção dos enunciadores, no processamento discursivo, especialmente em textos narrativos.

A abordagem da categoria “Tempo” representou uma enorme contribuição de Benveniste para o estudo do processamento enunciativo. Para ele:

“Das formas lingüísticas reveladoras da experiência subjetiva, nenhuma é tão rica quanto aquelas que exprimem o tempo, nenhuma é tão difícil de explorar (...) Se ele (o cômputo dos intervalos de tempo) não fosse fixo, estaríamos perdidos em um tempo errático e todo nosso novo universo mental não teria como se orientar. Se ele não fosse imutável, se os anos mudassem com os dias, ou se cada um os contasse ‘a sua maneira, nenhum discurso sensato poderia ser mais mantido sobre nada e a história inteira falaria a linguagem da loucura” (1988 , p. 73)

A língua, de acordo com Benveniste, ordena o tempo a partir de um eixo referencial, impossível de ser deslocado, qual seja, o momento da instância do discurso. Dada essa importância, a questão tempo, especialmente em narrativas como as que serão analisadas, será de fundamental valor na construção do referente e da própria referência.

Segundo Benveniste, o tempo é a categoria mais fascinante de se engendrar na língua. Isto porque o tempo real é linear e infinito. Nós estamos dentro dele. “A única coisa que não está no tempo é o próprio tempo”. Na base da construção desse tempo real, cronológico, tem-se o tempo lingüístico, que é aquele demarcado no processo de enunciação. A experiência humana do tempo é efetivamente manifestada na língua, pois o tempo lingüístico está ligado ao ato da fala, do discurso.

“O presente, assim como o eu, é reinventado a cada vez que o locutor o emprega, porque é um momento novo, ainda não vivido” (1989, p.85). Do presente, desdobram-se mais duas categorias temporais: o tempo que já passou, construído como não contemporâneo ao momento do discurso; e o tempo que ainda tornar-se-á presente, construído a partir do momento da fala. É, no momento da fala, que se instauram enunciadores, enunciatários e a relação entre essas duas entidades. E, na referenciação desta relação enunciador (es)/enunciatário(s), no “aqui/agora” da enunciação, é de fundamental importância outra dimensão da competência discursiva dos falantes: os fatores constituintes do processamento dêitico.

1.4 O processamento dêitico

Os mecanismos e recursos utilizados, na língua portuguesa como em qualquer língua, para estabelecer o uso e a significação dos chamados elementos dêiticos, isto é, daquelas “entidades lingüísticas” que possuem sua referência no discurso, na enunciação, são de fundamental importância na construção e indiciação das instâncias enunciativas e, portanto, na construção da coerência textual.

É necessário explicitar como funcionam os recursos dêiticos no seu espaço próprio, o espaço da enunciação. O fenômeno da dêixis, como se verá adiante, deve ser tratado à luz da teoria da enunciação a que se referiu anteriormente. Não há como conceber a dêixis e a articulação de seus elementos separadamente do processo de enunciação, pois é neste processo que ela se institui e manifesta. As classes de palavras chamadas dêiticas têm, na verdade, uma função especial: funcionam como um elemento essencial na instituição do processo enunciativo que lhes atribui uma referência.

Como destaca Bühler (1934), há o momento anterior e momento posterior ao discurso. O autor reconhece, a partir daí, três modos de indicação desses elementos dêiticos: a anáfora remissiva ou catáfora, referindo-se ao que ainda será dito; “deixis ad oculos”, que engloba os

mostrativos e suas referências dentro do discurso; e a “deixis em fantasma”, que requer um trabalho psicológico dos falantes, para que se restaure a significação dos índices ausentes no discurso, quando o locutor envolve-se, somente através de signos, com um mundo ausente, o que Jakobson (1971) retomaria como referência textual contrapondo-se à referência situacional. Segundo ele, o enunciado lingüístico está orientado em três dimensões. O enunciado está direcionado ao conteúdo que está sendo representado/referenciado; ao destinatário a quem se dirige o enunciado, de modo a chamar-lhe a atenção, e ao locutor, que expressa seu interior.

A enunciação não está nem no âmbito da língua nem tampouco pertence ao da fala. Ela envolve os dois, é “a enunciação enquanto centro necessário de referência do próprio *sentido* de certos signos da *língua*”. (LAHUD, 1979, p.98).

Esses signos, aos quais se refere Lahud, são os signos dêiticos, aqueles que só encontram seu significado numa instância de enunciação.

Lahud constata, então, que, de Saussure à “lingüística da enunciação”, houve um deslocamento do objeto de estudo, em parte causado pela própria “descoberta” pelos lingüistas dos elementos dêiticos presentes na linguagem, e, em parte também pelas inúmeras pesquisas realizadas independentemente posteriores às afirmações de Saussure.

Também contribuiu muito com os avanços nos estudos lingüísticos relacionados à dêixis, embora com uma visão muito própria, Fillmore. Sua contribuição consiste fundamentalmente no restabelecimento da importância da dêixis na linguagem. Seus estudos merecem destaque justamente porque põem em discussão a dêixis, baseando-se nos atos de fala e em seu papel no discurso: para ele, o contexto governa a semântica. Essa serve aos aspectos gramaticais. É dentro do contexto que, segundo Fillmore, a dêixis atuará, dividindo-se em cinco tipos: dêixis de pessoa, de tempo, de lugar, discursiva e social (*person deixis*, *time deixis*, *place deixis*, *discourse deixis* e *social deixis*).

Já John Lyons (1977) dedica um capítulo, o capítulo 15, ao estudo e aprofundamento da dêixis e sua relação com o espaço e o tempo. Para ele, situar no contexto espaço-temporal variadas pessoas, objetos, eventos e processos é o fim único desse mecanismo chamado dêixis, que opera elementos dentro do contexto, o qual chamamos de instância de enunciação.

Segundo Mangueneau (1996), concepção que será adotada, os dêiticos se dividem em espaciais e temporais: os que variam de sentido conforme a posição do enunciador no discurso - espaciais - e os que variam conforme o momento da enunciação - temporais.

Fazem parte dos elementos chamados “dêiticos” os tempos verbais, os pronomes pessoais, demonstrativos e possessivos, alguns advérbios e locuções adverbiais, como os que serão analisados neste trabalho. É por meio desses elementos, relacionados a seguir, que é possível identificar pessoas, coisas, momentos e lugares a partir do momento da fala, ou seja, da situação de enunciação.

1.4.1 Elementos dêiticos explícitos

a) *pronomes pessoais, demonstrativos e possessivos*

O uso dos pronomes e das desinências verbais permite a identificação dos enunciadores e de objetos dentro da situação de enunciação. Os pronomes “eu”, “tu”, e o não-pronome “ele” (ela), além dos possessivos e dos demonstrativos, indicam, mais que "a pessoa do discurso" ou "a posse", quem são os enunciadores e enunciatários envolvidos no processo de construção do texto/enunciado: como as desinências verbais (pessoa e número, modo e tempo) são responsáveis pelo indiciamento dos enunciadores e enunciatários.

No título de um filme, "Tudo sobre minha mãe", o pronome ‘minha’ remete à mãe do interlocutor que se institui como enunciator, e não à daquele instituído como enunciatário. (Tudo sobre tua/sua mãe). Essa é a única certeza que este enunciado dá ao leitor, já que previamente não se conhece o interlocutor, entidade empírica, instituída como enunciator. Esses são elementos dêiticos, só encontram sua referência na situação de enunciação.

b) *advérbios e locuções adverbiais*

Os advérbios e algumas locuções adverbiais também são elementos dêiticos por excelência. Por exemplo, se alguém diz “Choveu em São Paulo”, este é um enunciado através do qual apenas se relata um fato - ter chovido em São Paulo. Não se sabe se o locutor está em São Paulo ou não. Mas se eu estou falando ao telefone, de Belo Horizonte, com a minha prima que reside em São Paulo, e ela pronunciar “Choveu aqui”, eu irei atribuir a *aqui* a referência “São Paulo”. *Aqui* é um advérbio de lugar que só pode encontrar sua referência em função do enunciator responsável referenciado pelo enunciado em que se indicia, sendo, então, um elemento dêítico.

c) *desinências verbais*

Para o fim que se pretende neste trabalho, o aspecto temporal expresso pelos tempos verbais é de fundamental importância.

O modo como o autor constrói e monitora o(s) enunciador (es) está estritamente ligado à sua localização têmporo-discursiva, dada sobretudo pelos tempos verbais (presente, pretérito e futuro), numa dada instância de enunciação.

Segundo Ilari (1997), "O fundamento direto ou indireto da interpretação das formas verbais flexionadas em tempo é a dêixis, isto é, a referência à própria situação de enunciação." (ILARI, 1997, p.15). De fato, os tempos verbais localizam os eventos referenciados com relação ao momento da fala e com relação a um momento tomado como referência, que pode coincidir ou não com o momento da fala.

Essa noção de tempo da enunciação é instituída pelos elementos dêiticos que instauram a instância enunciativa. O papel desses elementos no processamento discursivo interessa ao nosso trabalho.

1.4.2 Índices temporais

Os índices, ou elementos dêiticos temporais, são utilizados em função da construção das instâncias de enunciação. Esses elementos só podem ter resgatada sua significação a partir do momento de enunciação, isto é, o tempo a que se referem é relativo ao momento da enunciação a que pertencem, a partir do *Agora*, momento presente da enunciação.

São elementos responsáveis pela localização temporal na enunciação as desinências verbais, os advérbios e locuções adverbiais temporais.

Na enunciação, esses elementos são usados com o objetivo, nem sempre claro e consciente, de situar, a partir do momento de fala, eventos referenciados nos quais estão envolvidos os enunciadores ou o que lhes diga respeito.

Além das locuções e advérbios, os tempos verbais são elementos dêiticos em muitos dos casos, embora esses tempos não estejam em relação biunívoca com os paradigmas de conjugação verbal, conforme descreve a Gramática Tradicional. Segundo a GT, os tempos verbais subdividem-se dentro de três modos: Indicativo, Subjuntivo e Imperativo, basicamente em presente, pretérito e futuro.

É bom ressaltar que apenas os paradigmas do indicativo podem ter valor dêítico, e que, mesmo assim, nem sempre tais paradigmas correspondem ao tempo verbal morfofonemicamente marcado. Pode-se dizer que fulano chega amanhã, por exemplo. O verbo no presente remete ao futuro, na combinação com o advérbio "amanhã". São

correspondentes dêiticos auxiliares na indicação temporal, entre outros, as expressões e palavras: agora (então), há dez dias (dez dias antes de), ontem (na véspera), amanhã (no dia seguinte), etc.

Os elementos dêiticos sempre estarão presentes no processo de construção de cada instância enunciativa. É objetivo desta pesquisa verificar em que grau a utilização de elementos dêiticos colabora para a coerência enunciativa. Em outras palavras, quer-se saber, dado o ponto de vista adotado, primeiro, como são utilizados os elementos dêiticos na construção de instâncias de enunciação, por alunos do Ensino Médio, e segundo, o papel desses elementos na construção da coerência enunciativa.

1.5 Os verbos e expressões *dicendi* e a articulação de instâncias enunciativas

Os verbos e expressões *dicendi* estão presentes no processamento discursivo dada a sua função na produção textual. Esses verbos, chamados “de dizer”, funcionam como uma espécie de marca de interlocução na medida em que sinalizam a entrada de outro(s) interlocutor (es) e, conseqüentemente, de outras instâncias enunciativas.

Formas verbais como “dizer”, “falar”, “perguntar”, “contar” indicam a existência de uma outra voz no texto e na instância primeira de enunciação, possibilitando, assim, a atualização de variadas instâncias enunciativas em uma instância principal. Dessa forma, o leitor consegue visualizar, no texto, a “troca” de enunciadores (do narrador ao personagem e vice-versa), tanto no discurso direto quanto no discurso indireto.

A adequada articulação de instâncias enunciativas deveria garantir, ou pelo menos colaborar para, a coerência textual.

A utilização desses verbos e expressões, bem como dos elementos dêiticos citados anteriormente, colabora para a construção de um texto coerente.

1.6 Síntese

Neste capítulo, procurou-se explicitar os seguintes pressupostos teórico-metodológicos que serão utilizados na análise aqui pretendida:

- a. a linguagem é uma atividade sócio-interativa de natureza essencialmente dialógica;

- b. o processamento discursivo pressupõe a criação e articulação de Instâncias Enunciativas;
- c. a criação de uma instância enunciativa implica a referenciação da relação enunciador/enunciatário: criação de um enunciador e de um enunciatário em tempo e espaço discursivos e a referenciação adequada da relação especular destas “entidades lingüísticas”;
- d. na criação e articulação de instâncias enunciativas é de fundamental importância a implementação do processamento dêitico;
- e. na articulação de instâncias de enunciação os verbos e/ou expressões *dicendi* funcionam como uma espécie de elementos de ligação (links) que integram todas as instâncias enunciativas numa instância enunciativa básica;
- f. a referenciação adequada das relações enunciador(es)/enunciatário(s) – Instâncias Enunciativas – é de fundamental importância na obtenção do efeito de sentido a que se denomina coerência textual.

CAPÍTULO SEGUNDO

A REFERENCIAÇÃO DA RELAÇÃO ENUNCIADOR/ENUNCIATÁRIO

UMA VISÃO QUANTITATIVA

O material recolhido para pesquisa neste trabalho foi produzido por alunos da 2ª série do Ensino Médio, de uma escola particular de Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte.

Na 2ª série, espera-se que o aluno de Ensino Médio tenha adquirido conhecimento lingüístico suficiente para redigir textos variados no padrão culto da língua e, além disso, que ele tenha desenvolvido habilidades e competências lingüísticas para lidar com variados gêneros textuais na vivência escolar e diária. Ao concluir a 3ª série, o aluno deverá estar apto a redigir um texto formal de concurso vestibular, em que essas habilidades serão testadas. Então, na 2ª série, ele já deveria ter adquirido a maior parte dos conhecimentos para esse fim.

Baseando-se nessa hipótese, foi adaptada para alunos de 2ª série uma proposta de redação de um concurso vestibular da UnB (Universidade de Brasília), retirada de um livro didático de redação do Ensino Médio¹. O objetivo dessa produção textual é verificar a capacidade de representação escrita da construção de instâncias de enunciação – de referenciação da relação enunciadore/enunciatários – em um texto narrativo coerente.

2.1 Situação de produção

A proposta, transcrita abaixo, sugere a criação de um ambiente (praia, sábado ensolarado) drasticamente interrompido por um arrastão. Nesse ambiente estão presentes necessariamente três personagens – Dora, Neto e Esmeralda – assumindo pontos de vista

¹ In: Leila SARMENTO, *Oficina de redação*, p.83. (adaptada)

diversos sobre a situação. É em um desses personagens que o aluno deveria se colocar, como narrador em primeira pessoa, como enunciador, para relatar a sua história em forma de denúncia a um jornal.

A proposta para redação apresentada aos alunos, baseada em uma proposta da UnB – DF, é a seguinte:

Considerando as informações a seguir:

- Situação: Praia de Itapuã, lotada ao meio-dia de um sábado num janeiro escancarado... Democracia ao sol: todas as classes sociais numa morena mistura. É claro que turistas também – vermelhos e de roupas coloridas. Brasileiristicamente, o verão está sendo comemorado entre tons de pele, ginga de corpo, caipirinha, frutos do mar e um bom papo à moda baiana, quando mais de duzentas pessoas invadem a praia levando o que podem: é o arrastão! Gritos. Correria. Pânico.
- Personagens:
 - Neto – jovem publicitário baiano, progressista, com fortes tendências a “compreender o mundo e perdoar a humanidade”.
 - Dora – namorada de Neto, estudante de Administração, radical em suas posições: “aliança no dedo, véu e grinalda, sexo antes do casamento nem pensar, lugar de bandido é na cadeia”.
 - Esmeralda – velha baiana do vatapá e do acarajé. Com trinta anos de praia, já viu de tudo: “o mundo é assim mesmo, às avessas – o que fazer?”.

Você deverá assumir obrigatoriamente o ponto de vista de uma das personagens acima caracterizadas e escrever um texto para o jornal local, denunciando a violência presenciada por você. Envolve as personagens na sua narrativa e, se quiser, crie outras personagens, respeitando os limites da verossimilhança. Não ultrapasse 30 linhas.

Pretendeu-se, com a escolha desse tema, que o aluno mostrasse seus conhecimentos e competências lingüísticas para atingir objetivos pertinentes à qualificação do seu texto, resultado dessa produção, de modo a fazer com que o suposto leitor tomasse ciência do fato ocorrido com o enunciador. Para tanto, seria necessário que o aluno:

- a) instaurasse uma instância de enunciação, colocando-se como “eu”, no lugar de um dos personagens propostos;
- b) identificasse um alocutário, instaurando-o como enunciatário (direção do jornal, editor, etc.);

- c) relatasse o evento (referência) de modo claro e coerente, situado num dado tempo e num dado espaço discursivos;
- d) solicitasse providências (denúncia), afirmando o objetivo do relato e do texto em si.

2.2 Definição do *corpus*

A produção de texto foi realizada por 80 alunos da 2ª série do Ensino Médio (duas turmas de 40 alunos cada), em sala de aula, com a duração de uma hora/aula. Foi selecionada para o estudo quantitativo uma amostra de 40 textos (50% do total), escolhidos aleatoriamente (apenas os alunos de números pares).

Tentou-se garantir, dessa forma, a realidade objetiva da amostra como um micro universo da totalidade dos alunos. Posteriormente, escolheram-se os 20 (vinte) primeiros textos como ilustração ou objeto de análise qualitativa. Neste universo de 40 (quarenta) textos pretendeu-se uma objetivação dos dados em termos de 50% do material coletado, escolhido, como se disse, aleatoriamente.

No capítulo seguinte, far-se-á uma exposição do que se verificou na produção dos textos 1 a 20 do Anexo A. Nesta parte, pretende-se um exame dos textos no que diz respeito à presença de pistas lingüísticas dos elementos indicados acima (enunciador, enunciatório, referência, tempo e espaço), que, se estruturados de forma adequada no texto, serviriam de apoio e sustentação da coerência textual.

2.3 Uma primeira análise do *corpus*

A proposta de redação deixava explícita a obrigatoriedade de o aluno construir um enunciador de seu texto como um dos três personagens sugeridos (“Você deverá assumir obrigatoriamente o ponto de vista de uma das personagens acima caracterizadas”) e, então, escrever a narrativa em 1ª pessoa.

Esse comando visava monitorar a construção do enunciador do texto, já que é através dele, segundo Benveniste, que se instaura a instância de enunciação.

Dessa forma pretende-se realizar uma forma de qualificar os textos de acordo com a proposta visando à coerência. Parte-se do pressuposto que a construção da coerência, na leitura de um texto, ocorre basicamente em função de suas condições de produção. Os textos, então, devem permitir a referência de:

- enunciador(es) e enunciatário(s) construídos em tempo/espaço discursivos adequados;
- relação enunciador/enunciatário adequadamente referenciada em função das condições de produção e circulação do texto em questão.

2.3.1 Construção da relação enunciador/enunciatário no texto

Primeiramente, os textos foram submetidos a exame em que se verificou a presença de enunciador construído e identificável segundo os parâmetros estabelecidos pela proposta. Da amostra de 40 textos, 4 (10%) indiciam um enunciador não identificável com as variantes previstas na proposta. São eles os anexos **A 10, 35, 38 e 39**. Esta seria a marca inicial da construção do enunciador estabelecido na tarefa escolar(izada). Os outros 90% assumiram, explicitamente ou ainda através de elementos estabelecidos pela proposta, o ponto de vista de uma das personagens, ou seja, levaram em conta as condições de produção de texto estabelecidas de forma a se colocarem numa perspectiva em que, em princípio, assumiriam a tarefa de indiciar instância(s) de enunciação, colaborando para que o leitor pudesse produzir um sentido coerente lendo o texto e levando em conta suas condições de produção.

(2) *“E não é que já tem gente que, na hora do arrastão já estende os braços com o que tem para evitar o transtorno que os pivetes causam ao ‘fuçarem’ nas coisas? É claro que isso não pode continuar, mas se as autoridades não fazem nada, o que é que nós vamos fazer?”* (Anexo A 10)

(3) *“Apos ter passado o arrastão encontramos um casal de namorados, Neto jovem publicitário baiano e Dora namorada de Neto, estudante de Administração. “Nos estamos horrorizados com tanta violência, mas temos que perdoar, mas Dora retruca, “lugar de vagabundo de bandido e na cadeira. Também pegamos a palavra de uma vendedora de acarajé dona Esmeralda, “a vida e assim mesmo, o mundo e desse jeito não tem como mais mudar.”* (Anexo A 35)

(4) “*Praia de Itapuã. Lotado ao meio-dia de um sábado, começa um arrastão, quando **neto assusta**, um trombadinha arranca o relógio de seu pulso e sai louco correndo pelo calçadão da praia, muito indignado com aquela situação, por ser o primeiro dia que Neto vem a praia, e só tem uma semana de férias, **ele** resolve chamar o jornal local...*” (Anexo A 38)

(5) “*Até agora, **estou me perguntando** o que estava fazendo naquela praia. Apenas estava tentando me divertir, descansar e ficar tostado ao sol. Como sou estúpido, ficar ali parado, como se estivesse esperando algo acontecer, e aconteceu. Deveria estar em um escritório roubando, ou tentando trabalhar, tentando evoluir. Mas não, por um momento quis parar de evoluir, para descansar e na tentativa de fugir da evolução eu fui pego, e me retiraram tudo que tinha como um cardume de piranhas ataca um boi, uma forma evoluida de ataque é eficiente contra uma forma pacata de vivência, hoje não se vive, e sim sobrevive.*” (Anexo A 39)

Em (2), o autor instituiu um enunciador na 1ª pessoa do plural, como pode ser percebido nas expressões destacadas. Ao final deste texto, ele se apresenta como “baiana véia”, embora no corpo do texto não apareçam pistas de que este seja o enunciador. Também em (3) o autor usou de narrador em 1ª pessoa do plural para realizar a narrativa. O interessante neste exemplo é que a instância de enunciação básica não corresponde àquela prevista na proposta, embora estejam presentes os três personagens lá expostos. No exemplo (5), o autor lança mão da 1ª pessoa, mas não deixa pistas, em momento algum, do enunciador por ele escolhido. Em (4), apenas, foi redigido um texto com narrador em 3ª pessoa, o qual não é indiciado como um dos personagens previstos na proposta.

Conforme o gráfico 1, por esse critério, 36 (trinta e seis) textos apresentam índices suficientes para a referência de Instância(s) Enunciativa(s) segundo as condições de produção/recepção do texto pretendidas e 4 (quatro) textos não apresentam de maneira suficientemente adequada tais índices:

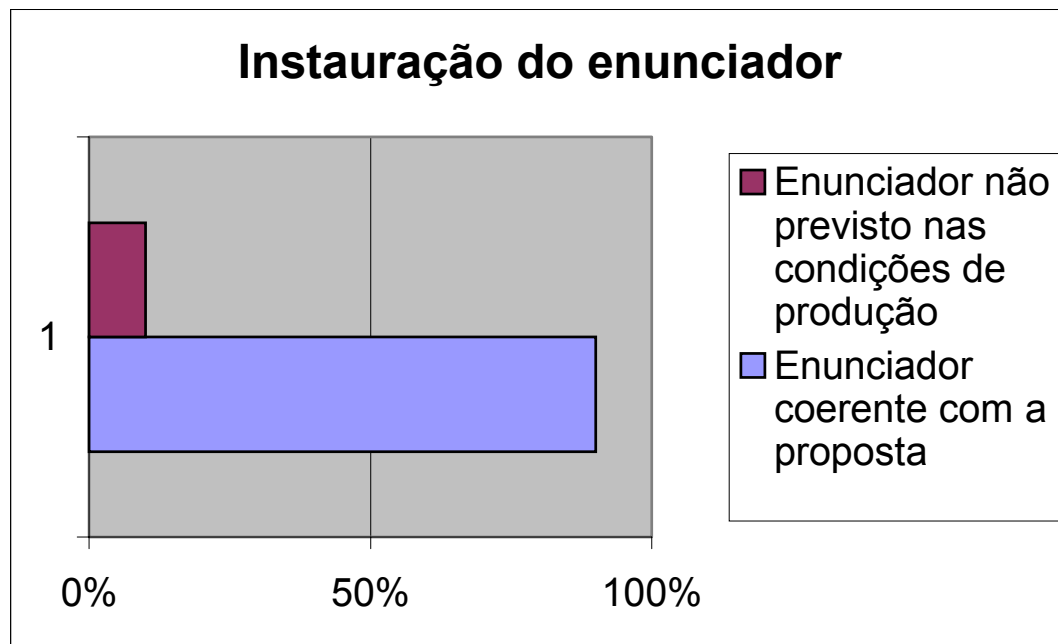


Gráfico 1: Indiciação de enunciador(es) identificável(is) com a proposta

Embora significativos, pois mostram que grande parte dos alunos tentou cumprir parte da proposta, esses dados não são suficientes para avaliar o texto como coerente em função de suas condições de produção, porque é preciso instituir o enunciatário.

Na instauração de uma instância enunciativa, em que enunciador e enunciatário interagem num discurso, é possível perceber marcas da presença de ambos no texto. No exemplo (6), abaixo, o autor não consegue esclarecer a relação enunciador/enunciatário da instância enunciativa básica, embora ele nomeie enunciador e enunciatário nas outras instâncias indiciadas através dos verbos e expressões *dicendi* (retruca, pegamos a palavra de – iniciando a citação):

(6) *Diversão por água abaixo*

Hoje, sábado na praia de Itapuã ao meio dia ocorreu o que e considerado uma vergonha para a cidade e que desepisiona cada ves mais os turistas, serca de 100 pessoas, provavelmente nativos invadiram a praia fazendo um roubo que é chamado de arrastão, muitas pessoas gritando, chorando, um pânico geral.

Apos ter passado o arrastão encontramos um casal de namorados, Neto jovem publicitário baiano e Dora namorada de Neto, estudante de Administração. “Nos estamos orrorizados com tanta violência, mas temos que perdoar, mas Dora retruca, “lugar de vagabundo de bandido e na cadeira. Tambem pegamos a palavra de uma

vendedora de acarajé dona Esmeralda, *“a vida e assim mesmo, o mundo e desse jeito não tem como mais mudar.*

As autoridades tem que tomar uma posição diante disso, pois se continuar assim, vai chegar a um ponto que a praia não vai ser um lugar de diverção mas sim de tenção e medo, principalmente para os turistas.

(Anexo A 35)

Em (6), transcrito integralmente acima, o autor constrói o seu texto utilizando o recurso de narração em 1ª pessoa do plural. A pista que o leitor tem do enunciador do texto é a forma verbal na 1ª pessoa do plural: *pegamos* e *encontramos*. Ora, como já se disse, a referência de instâncias enunciativas é responsável pela coerência textual. Se o autor não deixa pistas adequadas a respeito do enunciatário que ele indiciou, nem da relação enunciador/enunciatário estabelecida por ele em seu texto, como em (6), ou constrói e não consegue mantê-lo adequadamente indiciado no processamento do texto, ele torna-se incoerente, vago, inconsistente.

O que parece ocorrer, neste texto e em outros, é que o aluno/autor se dirige a um interlocutor indeterminado, pois apresenta dificuldades de, na escrita, articular instâncias de enunciação variadas.

(7) *Fodas*

Até agora, estou me perguntando o que estava fazendo naquela praia. Apenas estava tentando me divertir, descansar e ficar tostado ao sol. Como sou estúpido, ficar ali parado, como se estivesse esperando algo acontecer, e aconteceu. Deveria estar em um escritório roubando, ou tentando trabalhar, tentando evoluir. Mas não, por um momento quis parar de evoluir, para descansar e na tentativa de fugir da evolução eu fui pego, e me retiraram tudo que tinha como um cardume de piranhas ataca um boi, uma forma evoluida de ataque é eficiente contra uma forma pacata de vivência, hoje não se vive, e sim sobrevive.

Ainda resta uma dúvida se a evolução continuar será que vamos sobreviver?

Faça a evolução maldito leitor, se sobreviver me conte.

(Anexo A 39)

No texto (7), verifica-se também a dificuldade do autor em deixar pistas que levem ao estabelecimento da relação enunciador/enunciatário pretendida. O autor escreve o texto em 1ª

pessoa, como indicam as marcas verbais e pronominais destacadas, embora tenha dificuldades para demonstrar o enunciatário. O autor do texto (7) não indicia o enunciatário previamente determinado: o jornal. Ele não deixa, na materialidade dos enunciados escritos, pistas deste enunciatário. Quando tenta fazê-lo, deixa claro que está falando para um leitor indeterminado, utilizando, no final do texto, o vocativo *maldito leitor*. Como em (6), o autor deste texto parece dispensar de seu texto as pistas que permitiriam estabelecer a instância enunciativa e os enunciador(es) e enunciatário(s). Nesse caso o aluno não aparenta dominar os mecanismos necessários para situar um texto em suas condições de circulação (produção e recepção), fora da oralidade.

Interessa, claro, a título de exemplo, a forma como o autor indicia os enunciadores no texto, como se fossem conhecidos do suposto leitor que, mesmo sendo uma redação para vestibular, não conhece o contexto da narrativa. Se o leitor não tem conhecimento das condições de produção do texto, ele não consegue construir o seu sentido. O conteúdo referenciado pelo texto deve ser tratado pelo autor visando deixar clara a relação enunciador/enunciatário. Se o leitor não tem conhecimento prévio sobre o tema, é tarefa do autor revelar essas pistas.

Dentre os 36 textos em que é possível identificar o enunciador e, pelo menos, o estabelecimento de uma instância enunciativa, há alguns cujo autor dá sinais de não dominar, ainda, os princípios e/ou mecanismos da escrita que lhe permitam ativar, articular e monitorar a articulação de várias instâncias. Ver-se-á, a seguir, que, além de criar e manter uma instância enunciativa básica, faz parte do trabalho do autor com ela operar em tempo e espaços discursivos determinados, tendo sempre em mente a globalidade do processo de construção da referência do texto em função dos objetivos pretendidos. Esse trabalho não é simples, como mostra o exemplo de construção de um texto exemplificado em (8), abaixo:

(8) *Praia violenta*

Estávamos na Praia de Itapuã, era sábado onze horas da manhã, o sol estava estatalado eu Neto estava com minha namorada Dora comprando um acarajé na barraca de Dona Esmeralda e quando derepente me deparei com uma onda de pessoas, elas estavam correndo contra mim e pegando tudo que viam pela frente. Quando vi aquilo não esperei o troco e corri direto para minha namorada, nesta hora o desespero já tinha tomado conta dela e de toda a praia, era gente correndo para todas as direções e crianças chorando. Foram cinco minutos de sofrimentos. Depois do arastão tinha criança perdida pra todo lado e as mães não sabiam o que fazer era uma visão de que nunca iremos esquecer.

(Anexo A 34)

Ora, o autor deste texto constrói-se como um enunciador (Neto): “eu Neto estava com minha namorada Dora”. Na instância básica de enunciação, configurada pela totalidade do texto, ele mantém-se coerentemente na construção desse enunciador, instanciado pelo interlocutor “Neto”. Note-se que, apesar de referenciar vários outros personagens (Dora, a namorada; Esmeralda; onda de pessoas; gente correndo; crianças chorando; mães que não sabiam o que fazer), o autor não lhe atribui “voz”, não institui, no âmbito da instância enunciativa básica, nenhuma outra instância enunciativa: mantém coerente na construção de *sua* fala, num único espaço enunciativo, dirigindo-se a um interlocutor indeterminado, não especificado. Ora, na perspectiva teórica aqui adotada, não se pode dizer, portanto, que a referência do enunciador, em si, cause algum problema para a construção da coerência textual. Trata-se de um texto que, se lido por um interlocutor qualquer, interessado apenas em se informar a respeito do que acontece no local citado, não causará nenhum problema relativo à construção da coerência textual.

No entanto, na pauta das instruções dadas no exercício escolar, o texto (8) não oferece elementos para uma construção coerente do sentido pretendido, no processo de interação especificado. Em outras palavras, temos de constatar que o autor não ativou os princípios e/ou mecanismos constitutivos de sua competência discursiva para, na construção do texto escrito, referenciar a relação enunciador/enunciatário especificada como uma das condições de produção do seu texto; não forneceu, ao alocutário especificado, na materialidade dos

enunciados de seu texto, os índices necessários à produção de um sentido coerente, possibilitando-lhe estabelecer claramente quem está falando para quem, sobre o quê, com que finalidade: não referenciou a relação enunciador/enunciatário estabelecida como uma das condições de produção do texto em análise. E, na perspectiva teórico-metodológica aqui adotada, segundo a qual, num processo de interação lingüística, o texto é apenas um dos fatores de produção de sentido, efetivada na “leitura do texto e de suas condições de produção/circulação”, não se pode dizer, especificadas tais condições, que o texto (8) possibilita, de maneira adequada, a produção coerente do sentido pretendido. O mesmo pode-se dizer do texto (9), abaixo:

(9) *Em um sábado ensolarado eu estava na boa vendendo um vatapá e acarajé até que uma grande confusão começou só vi pessoas correndo gritando olha o arrastão, um moleke passou e derrubou meus salgados e levou meu dinheiro, um dos molekes deu um soco no rosto de um senhor e levou seus objetos de valor, tinha uns 100 molekes correndo roubando e quebrando tudo, um homem reagiu e juntou 5 molekes encima dele vieram mais 3 homens para pegar os molekes até que um deles puxou um revólver da cintura e falou que iria matar todos, então os homens não reagiram e eles continuaram a correr e fazer a limpeza nas pessoas eu olhando e chingando por ter sido assaltada e meus salgados terem sidos jogados no chão, trinta anos de praia e nunca vi nada assim tão pavoroso, e com dez minutos o molekes assaltaram todos e arrumaram toda essa confusão agora se as autoridades não tomarem providência sera sempre isso estou até traumatizada com isso e nem quero voltar na praia se as autoridades não tomarem providências.*

(Anexo A 13)

Na produção de (9), o enunciador é construído em 1ª pessoa e, conhecidas as condições especificadas para sua produção, pode-se até recuperá-lo como sendo “Esmeralda”, em partes de enunciados tais como: “estava na boa vendendo um vatapá e acarajé”, “um moleke passou e derrubou meus salgados e levou meu dinheiro”, “trinta anos de praia e nunca vi nada assim tão pavoroso”, “estou tão traumatizada com isto e nem quero voltar na praia...”. Similarmente ao texto (8), não se pode dizer que a construção do enunciador seja um fator que prejudique a construção de um sentido coerente para o texto (9). Pelo contrário, poder-se-ia até pensar que “a escrita” de (9) foi intencionalmente construída de modo a referenciar adequadamente tal “enunciador”: um enunciador construído por uma pessoa pouco “letrada”,

uma simples vendedora de salgados numa praia. No entanto, especificadas as condições de produção do texto em questão, pode-se afirmar de (9) o mesmo que se afirmou de (8): a relação enunciador/enunciatário estabelecida não foi indiciada, o que prejudica, em tais condições, a construção adequada, coerente, do sentido do texto. E estes dois textos, (8) e (9), não representam casos isolados: outros alunos reproduziram a mesma situação.

Veja-se, ainda, o texto (10):

(10) *Eu Dora, escrevo a vocês para contar a verdade sobre o verão baiano.*

Numa linda manhã de sol, e muito calor eu e meu namorado Neto, decidimos ir a praia curtir um sabado a moda baiana.

Quando lá chegamos havia muita gente, turistas de todas as partes do Brasil e do Mundo, devia de estar mais de 45°. A manhã foi passando e acistimos algumas confuções normais de praia, a polícia foi chamada mas não apareceu.

Fiquei revoltada com tanto vandalismo e resolvemos ir embora, mas antes fomos comer vatapá, na praia mesmo no carrinho da D'Esmeralda, conversa vai, conversa vem e derempe gritos, olhei, uma multidão correndo e gritando vindo na minha direção, me apavorei e comecei a correr, nunca vi coisa tao horrível, dona Esmeralda não consegui escapar e foi pisotizada pela multidão.

Hoje ela está no hospital gravemente ferida.

Fiquei tão revoltada que resolvi lhes escrever contando sobre a praia do pânico.

(Anexo A 23)

Neste exemplo, o autor institui e indicia um enunciatário, provavelmente o representado pela editoria de um jornal, mas não deixa nítidas marcas que possibilitem ao leitor construir este enunciatário identificado como o alocutário pretendido, “o jornal”. As poucas marcas visíveis de construção de um enunciatário são aquelas destacadas no texto (*escrevo a vocês e resolvi lhes escrever*), que não possibilitam estabelecer claramente a identidade do enunciatário.

Do total de 36 (trinta e seis) textos, constata-se que os autores de 17 (dezessete) não conseguiram indiciar a referência da relação enunciador/enunciatário de modo a não deixar dúvidas e ambigüidades no que concerne à especificação do enunciatário. Os textos do Anexo A classificados desta forma são: 2, 4, 6, 11, 12, 13, 21, 22, 23, 27, 28, 31, 32, 33, 34 e 40.

Em contrapartida, 19 (dezenove) alunos investiram, com êxito, na referenciação da relação enunciador/enunciatório. Seus textos são os transcritos nos Anexos A 1, 3, 5, 7, 8, 9, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 25, 26, 29, 30, 36 e 37. O restante não usou esse recurso e teve seu texto sujeito à incoerência pela dificuldade no estabelecimento e na instauração do enunciatório, como pode ser percebido no gráfico 2:

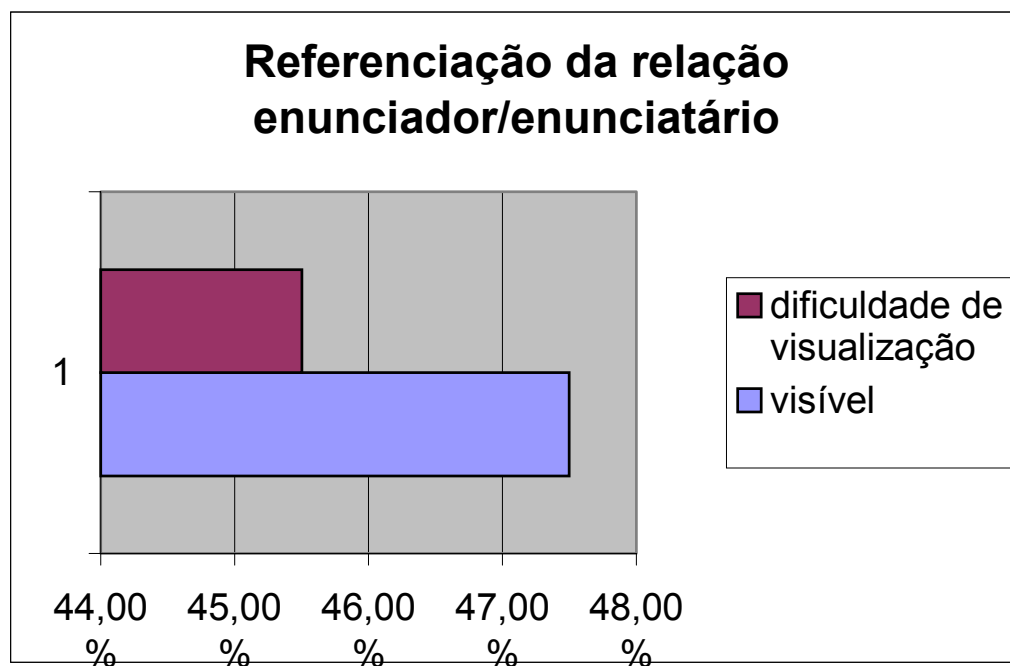


Gráfico 2: Referenciação da relação enunciador/enunciatório

Percebe-se que, de 40 textos que compõem o *corpus*, 47,5% tiveram, em sua construção, as marcas para o estabelecimento da relação enunciador/enunciatório, enquanto que 42,5% deixaram poucas marcas visíveis de construção de um enunciatório.

2.3.2 Objetivo do texto

Indícios de que alguns autores investiram ou, ao menos, tentaram investir na construção da relação enunciador/enunciatório podem ser identificados, na materialidade dos enunciados de seus textos, em expressões que remetam ao objetivo especificado como uma das condições de produção do texto em questão: denúncia de um fato ocorrido a um meio de comunicação. Nos trechos abaixo, e em muitos outros, pode-se verificar isso:

(11) *“Por isso, gostaria que vocês publicassem meu texto, para servir de alerta para os visitantes da praia e para que os órgãos públicos tomem providências, enviando policiais para fazerem a segurança.”* (Anexo A 1)

(12) *“Eu me chamo Esmeralda e quero fazer uma denúncia.”* (Anexo A 2)

(13) *“Mas como cidadã baiana, pesso por favor, que as autoridades possam dar um jeito, de pelo menos controlar essa violência...”* (Anexo A 12)

Levando-se em conta os 36 (trinta e seis) textos da amostragem em que os autores construíram-se como enunciadores, de uma maneira ou de outra, constata-se que em 30 (trinta) textos os autores fixaram-se no objetivo de denúncia a um meio de comunicação, através da narrativa. São os textos transcritos nos Anexos A 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37 e 40. São 06 (seis) os textos em que não há indícios de que seu objetivo seja o da denúncia (a um jornal), conforme foi previsto nas suas condições de produção: Anexos A 4, 13, 16, 21, 27 e 28.

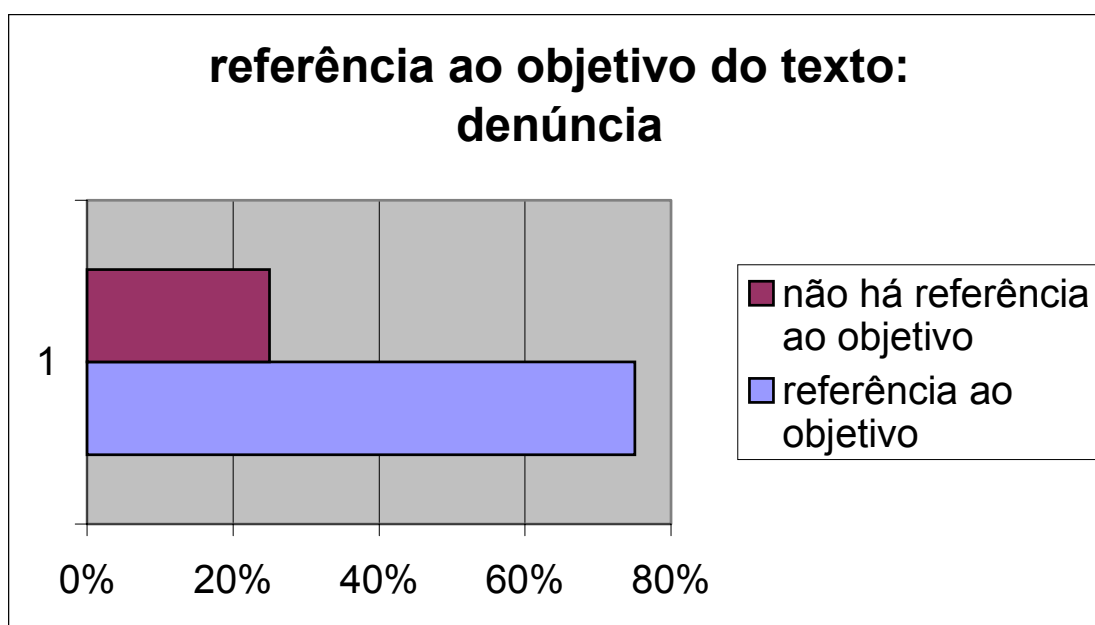


Gráfico 3: Referência ao objetivo do texto: denúncia

O gráfico mostra que 75% dos textos em que se construiu pelo menos uma instância enunciativa básica, com enunciador identificável segundo a proposta e as condições de

produção, trazem, também, o objetivo de denunciar o problema. Em 25% dos textos da amostra seus autores não buscaram esclarecer qual era o objetivo do texto.

2.3.3 Enunciador/enunciatário e tempo/espço discursivos

A referenciação da relação enunciador/enunciatário pressupõe a construção de tempo/espços discursivos: só é possível a construção de enunciadores e enunciatários no “aqui/agora” de um tempo/espço enunciativo. No entanto, encontramos, no *corpus* analisado, exemplos de textos como o transcrito em (14), abaixo:

(14) *“Na noite de Natal, aconteceu um roubo, eles chamam esse ato de arrastão. Todas as pessoas gritam, correm, seguram seus objetos de valor. O arrastão é bandidos que vem correndo e levam os objetos das pessoas”* (Anexo A 6)

Nesse texto, as relações enunciador/enunciatário não são referenciadas, de modo que o leitor não tem pistas visíveis para reconstruir o sentido do texto. Há, aqui, uma segunda instância de enunciação, implementada sobre a Instância Enunciativa básica, marcada pela forma verbal *dicendi* “chamam”. Nessa instância, também não se referencia adequadamente a relação enunciador/enunciatário.

Textos como (14) não referenciam adequadamente a relação enunciador/enunciatário no que concerne à criação e situação das entidades constituintes dessa relação no jogo tempo da enunciação/tempo referenciado.

O texto transcrito em (15), por outro lado, é um texto em que foi referenciada de maneira adequada a relação enunciador(es)/enunciatário(s), bem como mostra sucesso na localização espaço-temporal dos enunciador(es)/enunciatário(s). Além disso, traz explícito o objetivo do texto: a denúncia.

(15) *Ao Jornal Baiano*
Meu nome é Dora, sou leitora do Jornal Baiano já a muito tempo.
*Venho através deste, para denunciar; * primeiro, a falta de policiamento na praia de Itapuã. Pois no sábado passado dia 19 de abril de 1995, para ser mais exata ao meio dia aconteceu um arrastão de mais ou menos 200 pessoas; roubando tudo e todos que podiam, inclusive a mim.*

*E * segundo a incompetência de autoridades generalizadas, em todos os aspectos. A falta de atenção e de soluções revoltaram todos os prejudicados, que se reuniram resolvendo fazer este apelo à vocês da mídia.*

Desde já agradecemos a atenção, com a esperança de sermos atendidos.

DORA

(em nome de todos prejudicados)

segunda-feira, 21 de abril de 1995.

(Anexo A 25)

Percebe-se a diferença nítida entre (14) e os trechos grifados em (15), visto que o primeiro é “atemporal” e o segundo traz informações que podem resgatar o momento do evento a partir do momento zero da Instância enunciativa.

Na mesma situação de (14) foram encontrados 47% dos textos e um total de 53% que conseguem instaurar, com sucesso, a relação enunciador(es)/enunciatário(s) e situá-los num tempo e num espaço determinados discursivos coerentes com as condições de produção, conforme mostra o gráfico 4:

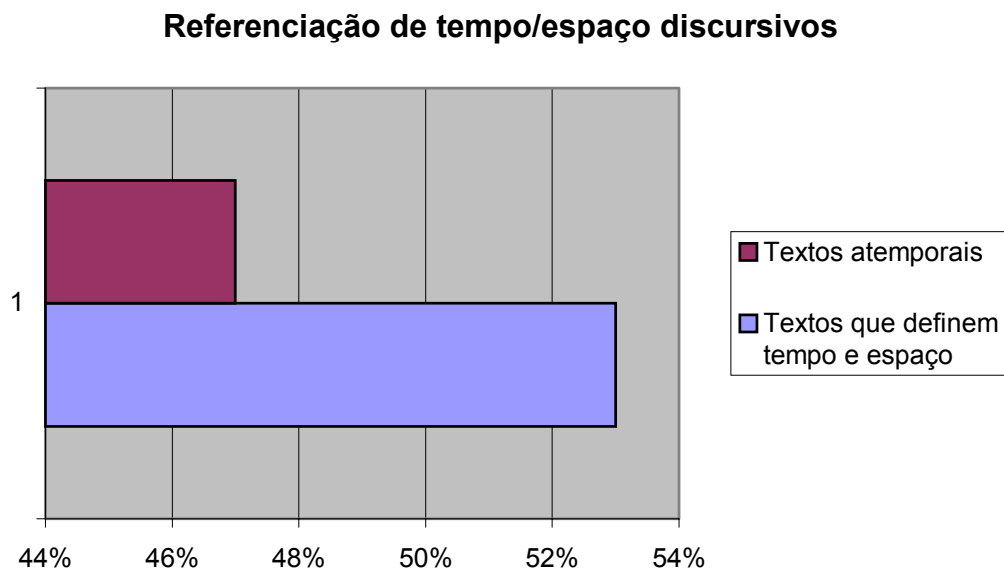


Gráfico 4: Referenciação de tempo/espaço discursivos

2.4 Primeiros resultados

Conforme pode se perceber no gráfico 5, abaixo, é maior o número de textos cujos autores demonstram habilidades e competências lingüísticas para lidarem com os mecanismos de referenciação na escrita do que aqueles que demonstram, através do produto (texto) algum tipo de deficiência na utilização dessa modalidade:

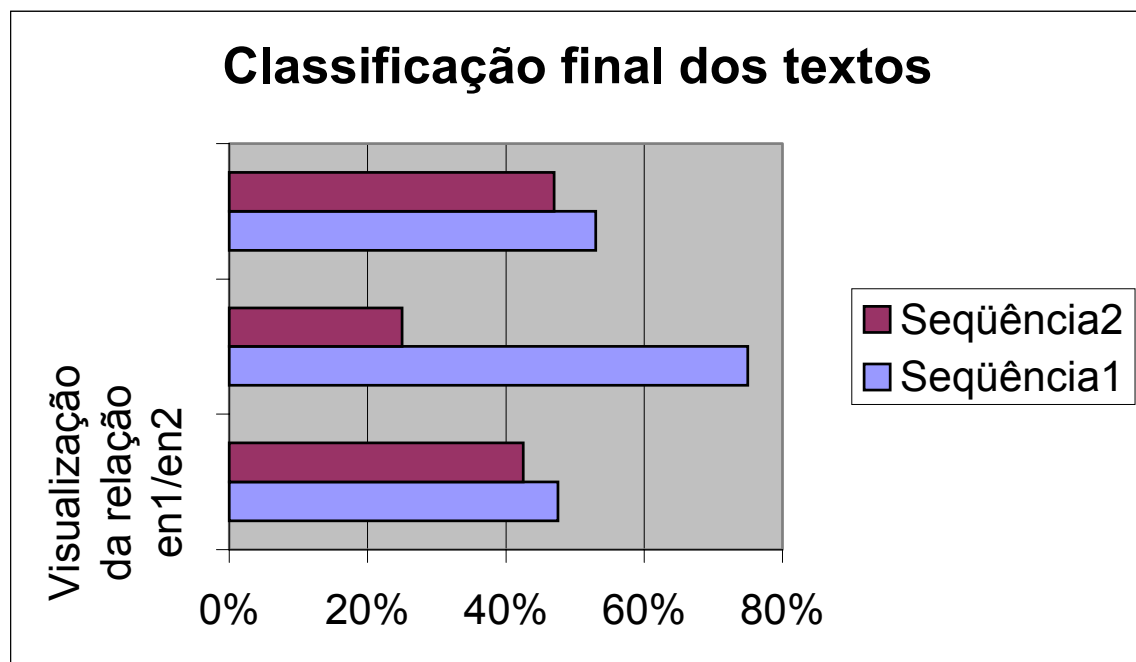


Gráfico 5: Classificação final dos textos

O gráfico mostra a fusão dos três aspectos analisados: a referenciação da relação enunciador(es)/enunciatório(s), a referenciação do objetivo do texto, como forma de colaboração para construção da instância enunciativa, e a referenciação das categorias tempo/espaço discursivos.

Numa amostragem de textos produzidos por alunos do Ensino Médio, um número relativamente baixo (quase 50% em dois itens analisados quase 50% em um item) de textos que, numa situação de avaliação pelo professor, poderiam ser classificados como “satisfatórios”, pode revelar a falta de investimento, por parte da escola, em fatores que são fundamentais no processo de aquisição da escrita, tais como os evidenciados por Benveniste em seu texto “O aparelho formal da enunciação”. Necessariamente, os alunos, como falantes nativos, dominam “o aparelho formal da enunciação”, condição do funcionamento do

processo enunciativo. Mas, o fato de os alunos terem a competência lingüística de construir-se como enunciadores construindo enunciatários e referenciando a relação enunciador/enunciatário, naturalmente, na utilização diária da língua, não garante que sejam capazes de utilizar, na representação escrita, esta sua competência natural da língua. Tais mecanismos deveriam fazer parte do programa de ensino da escrita, o que pressupõe o domínio, por parte dos professores da área, de uma teoria a respeito de tais mecanismos, o que lhes possibilitaria incluí-los numa programação sistemática do ensino da escrita.

2. 5 Síntese

Procedeu-se, neste capítulo, a uma primeira análise do *corpus* do presente trabalho, constituído por 40 (quarenta) textos produzidos por alunos da 2ª série do Ensino Médio, em ambiente escolar; nesta análise, visou-se a identificar e estabelecer uma primeira classificação dos modos de representação da relação enunciador/enunciatário, na construção de instâncias de enunciação envolvidas na produção dos referidos textos. Constatou-se que:

- a. 10% dos textos não forneciam aos leitores indícios suficientes para a (re)construção de uma relação enunciador/enunciatário que os situasse consistentemente no processo de sua produção/recepção;
- b. Os demais, 90% do *corpus* analisado, traziam marcas lingüísticas necessárias à identificação do enunciador proposto aos informantes na especificação das condições de produção de seus textos;
- c. Dentre os 90% dos textos citados em b), 47,5% apresentaram índices suficientes para a (re)construção da relação enunciador/enunciatário, sendo que em 42,5% tal relação se estabelecia em função de um enunciatário não especificado;
- d. Analisando-se os 90% de textos citados anteriormente – 36 (trinta e seis) textos – relativamente ao atendimento do objetivo proposto na especificação das condições de sua produção (a denúncia), apenas 75% deles atenderam a tal objetivo;
- e. Buscando-se averiguar se o informante relatou o evento claramente, indiciando a relação enunciador(es)/enunciatário(s) num dado tempo e num dado espaço discursivos, verificou-se que, do subtotal de 36 textos, 53% foram bem sucedidos na tarefa, enquanto 47% não obtiveram êxito no desenvolvimento dela.
- f. Os resultados gerais, do ponto de vista quantitativo, apontam para um maior percentual de textos cujos autores, alunos da 2ª série do Ensino médio, parecem

dominar os princípios e/ou mecanismos básicos da escrita necessários à ativação, articulação e monitoramento de instâncias enunciativas na produção de um texto escrito.

CAPÍTULO TERCEIRO

A REFERENCIAÇÃO DA RELAÇÃO ENUNCIADOR/ENUNCIATÁRIO UMA VISÃO QUALITATIVA

Dos 40 (quarenta) textos analisados no capítulo anterior, foram selecionados 20 para apreciação, para a verificação de como são construídas e articuladas as instâncias enunciativas no processamento discursivo de que resultam os textos em estudo, e quais os elementos utilizados para a construção de enunciadores/enunciatários e de sua referenciação em tempos/espacos discursivos. Partindo da análise dos mecanismos e estratégias utilizados pelos autores para a construção da relação enunciator/enunciatário, da localização espaço-temporal em que se situa essa relação, bem como do papel da referenciação da relação enunciator/enunciatário na construção da referência textual, este capítulo pretende apresentar as maneiras pelas quais os autores lidam com a instauração, manutenção e articulação de instâncias enunciativas no texto escrito, e sua interferência na construção da coerência textual.

3.1 Construção da relação enunciator/enunciatário

Os trechos abaixo exemplificam as maneiras pelas quais alguns autores constroem-se, na produção do seu texto, como enunciadores, na implementação de instâncias enunciativas. Parte-se de marcas no texto que possibilitam ao leitor, e ao estudioso que o analisa, recuperar os mecanismos utilizados na implementação de tais instâncias e, com isso, ambos, considerar, ou não, coerente o texto lido/analísado.

Comecemos por considerar os seguintes textos:

(16) “Eu, Dora Augusta Almeida, estava na praia de Itapuã quando presenciei aquela confusão provocada pelo ‘arrastão’, e estou completamente abismada devido a esse motivo, e espero que o senhor possa me ajudar, para que isso não possa acontecer de novo aqui.”

(Anexo A 20)

(17) “Em pleno meio-dia de sábado, na praia de Itapuã um enorme arrastão aconteceu deixando todos da praia muito nervosos e com medo, inclusive eu, que estava com meu namorado Neto curtindo um sol. Naquele momento recoremos a polícia local, que pra variar não fizeram nada pra nos proteger. Aonde vamos chegar nesse mundo?”

(Anexo A 16)

Em cada um dos textos, são utilizados recursos que mostram a construção de um enunciador na implementação de uma instância enunciativa pelo locutor. Em (16), há o uso do pronome eu e dos verbos na 1ª pessoa (grifados), além do apostro (Dora Augusta Almeida). Já em (17), aparecem as formas verbais “estava” e “vamos”, referindo-se aos sujeitos “eu” e “nós” (desinencial), respectivamente. Também há presença dos pronomes “meu” e “nos”. Esses recursos são formalizados quando o locutor institui-se como um enunciador, “eu”. Ao indiciar, na escrita, uma instância de enunciação, o autor indicia, automaticamente, um enunciatário. Note-se que nos dois exemplos, (16) e (17), o processo de construção do enunciatário não deixa marcas visíveis na materialidade do texto: é apenas implicada, pois não há construção de um enunciador sem a construção de um enunciatário. Nos termos do objeto de estudo deste trabalho, pode-se dizer que a relação enunciador/enunciatário não foi devidamente indiciada nem em (16), nem em (17). O mesmo não acontece com o exemplo (18), abaixo:

(18) *"Meu nome é esmeralda José da Silva moro no bairro Esplendor na cidade de Itapuã e estou mandando uma denúncia a vocês aí da capital para os informar que aqui na cidade também estão acontecendo arrastões."*

(Anexo A 7)

No trecho acima, que automaticamente indicia uma instância de enunciação, verifica-se que a referenciação da relação enunciador/enunciatário é bem representado. O enunciador é indiciado, já no início do trecho citado, através do nome assumido pelo locutor, "*esmeralda José da Silva*", e o enunciatário instituído é indiciado pela expressão "*vocês aí da capital*". Os elementos grifados indiciam a localização discursiva das entidades lingüísticas envolvidas na relação enunciador/enunciatário: os chamados advérbios de lugar - aqui e aí - como classifica a Gramática tradicional. Note-se que a função constitutiva destes termos no processamento discursivo normalmente não é objeto de estudo no processo de ensino-aprendizagem da escrita.

No caso desses elementos citados anteriormente, Cegalla (1994, p.243) define advérbio como "uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio". Diz ainda que, "de acordo com as circunstâncias ou a idéia acessória que exprimem, os advérbios se dizem (...) de lugar: abaixo, acima, acolá, cá, lá, aqui,...". (ibid., p.243). Eles são vistos, portanto, na teoria e no ambiente escolar, como meros operadores da cadeia sintática, e não como elementos constituintes da interação textual. No entanto, tais termos têm uma função específica e fundamental na representação escrita da referenciação da relação enunciador/enunciatário. Não há construção nem de enunciadores, nem de enunciatários, nem da relação enunciador(es)/enunciatário(s) sem que tais entidades lingüísticas sejam referenciadas, e funcionem como referenciadoras, em tempo e lugares discursivos. E, na medida em que a referenciação da relação enunciador/enunciatário afeta a construção da coerência na produção de sentido, é importante ver como os alunos em processo de aprendizagem operam, no texto escrito, com a representação de tempo/espaço enunciativos.

3.2 A localização espaço-temporal de enunciadores, enunciatários e de sua relação

Ainda com relação ao exemplo (18), repetido abaixo,

(18) *"Meu nome é esmeralda José da Silva moro no bairro Esplendor na cidade de Itapuã e estou mandando uma denúncia a vocês aí da capital para os informar que aqui na cidade também estão acontecendo arrastões."*

(Anexo A 7)

observa-se o uso dos chamados advérbios e locuções adverbiais operando na localização discursiva do enunciador e do enunciatário num espaço/tempo discursivo: enunciador (*no bairro Esplendor na cidade de Itapuã, aqui na cidade*); enunciatário (*aí da capital*). O locutor tem a consciência da necessidade de oferecer para o alocutário, na materialidade dos enunciados de seu texto, dados importantes para a construção de sentido: índices que lhe permitam (re)construir o enunciador, o enunciatário e a relação entre as duas entidades lingüísticas envolvidas no processo de referenciação pretendido.

Note-se que a referenciação precisa da relação enunciador/enunciatário faz parte do próprio objetivo do texto, que é denunciar um fato ocorrido, num determinado espaço físico e tempo cronológico, a quem possa tomar providências. Daí a necessidade de estabelecer o local onde ocorreu o fato (Itapuã) e o local de onde virão as providências (capital), onde há, supostamente, mais recursos, etc.

Em casos como (9), repetido abaixo,

(9) ***Em um sábado ensolarado eu estava na boa vendendo um vatapá e acarajé até que uma grande confusão começou só vi pessoas correndo gritando olha o arrastão, um moleke passou e derrubou meus salgados e levou meu dinheiro, um dos molekes deu um soco no rosto de um senhor e levou seus objetos de valor, tinha uns 100 molekes correndo roubando e quebrando tudo, um homem reagiu e juntou 5 molekes encima dele vieram mais 3 homens para pegar os molekes até que um deles puxou um revólver da cintura e falou que iria matar todos, então os homens não reagiram e eles continuaram a correr e fazer a limpeza nas pessoas eu olhando e chingando por ter sido assaltada e meus salgados terem sidos jogados no chão, trinta anos de praia e nunca vi nada assim tão pavoroso, e com dez minutos o molekes assaltaram todos e arrumaram toda essa confusão agora se as autoridades não tomarem providência***

*sera sempre isso estou até traumatizada com isso e **nem quero voltar na praia** se as autoridades não tomarem providências.*

(Anexo A 13)

o autor implementa uma instância enunciativa, construindo-se como enunciador, mas deixando um mínimo de pistas para que seu leitor o referencie, nas expressões em negrito. Ele situa-se no “aqui/agora” do processo enunciativo, fora do local dos acontecimentos narrados (“*trinta anos de praia*”; “*não quero mais voltar na praia*”); situa-se em relação ao evento narrado num tempo anterior ao “aqui/agora” da enunciação (“*Em um sábado ensolarado eu estava na boa vendendo um vatapá e um acarajé até que...*”). E o leitor, que tem dados para “reconstruir” o evento referenciado, não os tem para construir-se como enunciatário do texto lido. Não tem dados para ler o texto na pauta da relação enunciador/enunciatário e, então, fica sem saber direito quem lhe fala, e com que finalidade lhe fala, o que prejudica uma produção de sentido coerente, considerando-se sempre “coerência” como efeito de sentido obtido na leitura de um texto e de suas condições de produção/recepção. Em suma, o texto (9) não funciona como um elemento fundamental do processo enunciativo, de maneira a permitir ao leitor reconstruir as condições de sua produção, fator fundamental para uma produção coerente de sentido.

Ainda na perspectiva da localização espaço-temporal da relação enunciador/enunciatário, observe-se mais um exemplo retirado do *corpus* em que se evidencia todo um trabalho de construção do enunciador, como se pode perceber através dos elementos aqui apresentados em negrito:

(19) “**Me chamo Esmeralda e estou enviando este texto com um único objetivo, a denúncia.**

Trabalho na praia de Itapuã vendendo vatapá e acarajé, onde em um sábado de janeiro desse verão aconteceu uma coisa horrível.

A praia estava lotada, com pessoas de todos os lugares do mundo, e eu estava vendendo acarajé para um casal de namorados, que são meus antigos fregueses, a Dora e o Neto, quando de repente mais de duzentas pessoas da periferia invadiram a praia iniciando um arrastão. Todos começaram a correr, inclusive eu, pois não queria ficar sem meus acarajés. Como de costume, não tinha ninguém para impedir o desastre, pois os responsáveis pela segurança não estavam no local.

Depois do fim do arrastão, as pessoas ainda tinham esperança de encontrar seus pertences, mas “nada” foi recuperado.

*Por isso, **gostaria** que vocês publicassem **meu texto**, para servir de alerta para os visitantes da praia e para que os órgãos públicos tomem providências, enviando policiais para fazerem a segurança.*

Obrigada!”

(Anexo A 1)

O uso de desinências verbais na 1ª pessoa (CHAMO, TRABALHO, QUERIA) e de pronomes em 1ª pessoa (ME, EU, MEUS, MEU) indica que o enunciador foi construído coerentemente. No entanto, só no último parágrafo há uma pista para a construção do enunciatário, o pronome “vocês”, sem maiores especificações. O que se observa, em (19), apesar do investimento na construção do enunciador, é que a relação enunciador/enunciatário, como em (9), acima, não foi adequadamente referenciada.

3.3 O papel da referenciação da relação enunciador/enunciatário na construção da referência textual

Em (20), abaixo, é possível verificar que a referência textual é construída na medida em que se constrói a relação enunciador/enunciatário. Em outras palavras, a referência textual está intimamente relacionada à referenciação da relação enunciador/enunciatário; se esta não for construída de forma coerente, através de pistas necessariamente deixadas ao alocutário, aquela automaticamente será prejudicada.

(20) *“Venho através desse meio de comunicação, descrever um fato muito comum nas nossas cidades. É o arrastão!*

*Em pleno meio-dia de sábado, na praia de Itapuã um enorme arrastão aconteceu deixando todos da praia muito nervosos e com medo, inclusive **eu** , **que estava com meu namorado Neto curtindo um sol**. Naquele momento **recoremos** a polícia local, que pra variar não fizeram nada pra nos proteger. Aonde vamos chegar nesse mundo? Onde vamos ter segurança e prazer de nos divertir em paz?*

Tudo que tinha pela frente “aqueles mal amados” levaram. Foram bolsas, celulares, chinelos e até toalhas de banho. Eu acho mesmo é que esse povo deve ser preso. Além de comprometer nossa segurança, torna nosso ambiente pesado e nossa cidade um

pesadelo. Chega de tanto medo; Vamos lá políticos, vamos mostrar serviço colocando esse povo na cadeia ao invés daqueles pobres inocentes, vamos construir cadeias, organizar nossa cidade. Ter pelo menos a certeza de sair de casa e saber que as coisas estão nos lugares, ter certeza de sair e ficar tranquila que vai voltar viva. Sair com o carro e ter certeza que ele vai estar lá.

*Venho então a lhes recorrer para alertar o povo e aqueles que fingem não encher gar os problemas. Ai eles estão, perturbando **nossa** consciência e fazendo com que as belas oportunidades de diversões possam ser desperdiçadas por causa da má administração e pela falta de segurança. Por isso ... **Alerta!***

*Ah! Antes que eu me esqueça, até baianas, como Dona Esmeralda que já tem 30 anos de praia tem medo do arrastão, ela já é uma velha conhecida que como muitas outras tende a confortar os turistas **dizendo**: “o mundo é assim mesmo”.*

*Mas é assim mesmo, temos que proteger nosso pão de cada dia como que ela vai vender sem banhistas. **Então boa praia e cuidado!**”*

(Anexo A 16)

O texto (20) articula três Instâncias enunciativas distintas: a primeira, IE1, aquela através da qual o autor se institui como enunciador identificando-se como alguém que vem “descrever um fato muito comum nas nossas cidades”, assumindo a autoria do texto como um todo. A segunda, IE2, recursivamente subordinada à primeira, é implementada através do verbo *dicendi* “dizendo”, na qual o autor institui como enunciatória, aliás bem caracterizada, “Dona Esmeralda”. A terceira, também recursivamente subordinada à IE1, é implementada por um outro verbo *dicendi*, “recorrer” (“*recoremos a polícia local*”). Consideremos, apenas, a relação enunciador/enunciatário instituidora de IE1, uma vez que as duas outras, na dimensão do evento narrado, não interferem seriamente na construção da coerência textual.

O enunciador instituído pelo autor em IE1 só pode ser recuperado como um “*eu que estava com o meu namorado Neto curtindo um sol*”. Não há, em (20), nenhuma outra pista que leve o leitor a identificar, com precisão, o enunciador construído através deste texto. Somente um leitor conhecedor das condições de produção do texto, especificadas no momento em que foi estabelecida a tarefa escolar, pode identificar o enunciador com a personagem Dora, que não tem seu nome sequer citado em nenhum momento. O problema não é apenas este: contrariamente ao estabelecido na tarefa escolar, no processamento de (20) constroem-se como enunciatários, na dimensão de IE1, “políticos”, de maneira não especificada: “*Chega de tanto medo. Vamos lá políticos, vamos mostrar serviço colocando*

esse povo na cadeia ao invés daqueles pobres inocentes, vamos construir cadeias, organizar nossa cidade” (...) *“Venho então a lhes recorrer para alertar o povo e aqueles que fingem não encher gar os problemas...”*. No entanto, o texto termina com uma expressão, - *“Então boa praia e cuidado!”* - que não se integra à referência total de (20), se lida na pauta da relação enunciador/enunciatário de IE1, instituída, antes, na 1ª pessoa como sendo “Eu/políticos”. Temos, então, no processamento de (20), problemas de coerência textual causados pela criação e indicição da relação enunciador/enunciatário. Em outras palavras, problemas causados por uma implementação inadequada dos mecanismos/estratégias de construção da relação enunciador/enunciatário.

3.4 Mecanismos/estratégias de construção da relação enunciador/enunciatário

Sem a pretensão de registrar todos os mecanismos e estratégias utilizadas pelos autores dos textos que constituem o *corpus* do trabalho, tentaremos explicitar os recursos enunciativos mais recorrentes na análise do material, no que diz respeito à construção do enunciador, do enunciatário e da relação entre eles, instaurada em espaço/tempo discursivos, levando-se em conta os resultados mostrados no capítulo anterior.

3.4.1 Estratégias mais utilizadas na construção do enunciador

Foram verificadas três maneiras usadas pelo autor para indiciar a construção do enunciador:

1. Indicição nominal na introdução do texto: nestes casos, o enunciador é indiciado logo no início do texto, nominalmente, ou seja, o autor instaura-se como enunciador, identificando-se por um nome, e em torno desse nome investe na construção da referência textual através dos dêiticos de pessoa (pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos) e de verbos utilizados na 1ª pessoa, especialmente os *dicendi*.

(21) *“Me chamo Esmeralda e estou enviando este texto com um único objetivo, a denúncia”*. (Anexo A 1)

(22) *“Eu me chamo esmeralda e quero fazer uma denúncia”* (Anexo A 2)

(23) “*Cara redação do Jornal Itapuã, me chamo esmeralda, tenho 60 anos, 30 só de vender meus vatapás e acarajés na praia*”. (Anexo A 3)

(24) “*Eu, Esmeralda, com trinta anos de praia, vi ontem o que há anos não via*”. (Anexo A 5)

(25) “*Eu, Esmeralda, vendo vatapá e acarajé na praia de Itapuã*”. (Anexo A 6)

(26) “*Meu nome é esmeralda José da Silva moro no bairro Esplendor na cidade de Itapuã ...*” (Anexo A 7)

(27) “*Eu sou Esmeralda, uma velha baiana do vatapá e do acarajé*”. (Anexo A 9)

(28) “*Eu sou Esmeralda, uma velha baiana, faço vatapá e acarajé, que são populares por aqui, já vi de tudo, assassinato, atropelamento etc...*” (Anexo A 11)

(29) “*Eu, Dora, sou uma estudante de administração, que venho através dessa carta pedir uma oportunidade para demonstrar toda a minha indignação com os órgãos de segurança do meu país.*” (Anexo A 14)

Em casos como os transcritos acima, (21) – (27), de um modo geral, o autor referencia o enunciador com sucesso, na produção de todo o texto, utilizando-se de formas pronominais e verbais na 1ª pessoa, como em (19), repetido a seguir:

(19) “**Me chamo Esmeralda e estou enviando** este texto com um único objetivo, a denúncia.

Trabalho na praia de Itapuã vendendo vatapá e acarajé, onde em um sábado de janeiro desse verão aconteceu uma coisa horrível.

A praia estava lotada, com pessoas de todos os lugares do mundo, **e eu estava vendendo** acarajé para um casal de namorados, que são **meus antigos fregueses**, a Dora e o Neto, quando de repente mais de duzentas pessoas da periferia invadiram a praia iniciando um arrastão. Todos começaram a correr, inclusive **eu**, pois **não queria ficar sem meus acarajés**. Como de costume, não tinha ninguém para impedir o desastre, pois os responsáveis pela segurança não estavam no local.

Depois do fim do arrastão, as pessoas ainda tinham esperança de encontrar seus pertences, mas “nada” foi recuperado.

*Por isso, **gostaria** que vocês publicassem **meu texto**, para servir de alerta para os visitantes da praia e para que os órgãos públicos tomem providências, enviando policiais para fazerem a segurança.*

Obrigada!"

(Anexo A 1)

2. Indiciação nominal no final do texto: Nesses casos, diferentemente do que ocorre nos exemplos citados acima, o autor espera até o fim do texto para “nomear” ou se referir ao enunciador, embora utilize, também, de formas pronominais e verbais na 1ª pessoa no corpo do texto, como mostram os trechos:

(30) *“Essa é uma pergunta que **me** incomoda muito desde um tempo atrás, já não **sei** o que fazer, apenas esperar e ficar atento ao movimento, **tenho** que trabalhar*

Depoimento de esmeralda (velha baiana do vatapá e do acarajé)”

(Anexo A 4)

(31) *“Um nego **me** pegou e levou **minha** cesta, dizendo que era para sua mãe doente. **Agradeço** a iemanjá pela sorte de conhecer um nego sendo poupada de gastar **meu** dinheiro.*

*Sr. Jornal, **peço** vocês que estão nos olhos do povo para comunicar as autoridades sobre esse fato.*

Um abraço.

Esmeralda

Temos várias delícias: 38572213”

(Anexo A 8)

(32) *“Ainda **estou** em “estado de choque” com toda essa situação que vem caracterizando o Brasil há algum tempo. Essas pessoas que causaram o arrastão com certeza devem ser punidas.*

Dora Faleiro, Salvador”

(Anexo A 18)

(33) *“Mas têm-se uma situação agravante que **me** deixa mais revoltada, isso não é só em itapuã é em qualquer lugar do mundo. Será que não podiam arranjar um emprego*

*para aquele que **nos** rouba. E definitivamente quem **nos** rouba não é só os pobres, tem alguém mais forte que não dá a chance deles viverem.*

Dora”

(Anexo A 19)

3. Por fim, há exemplos de textos em que não há indiciação nominal que indique a construção coerente do enunciador, nem a utilização de outros recursos que permitam uma identificação precisa do enunciador. Nesses casos, o que ocorre são textos em que um leitor que desconhece a situação de produção estabelecida não tem como atribuir sentido coerente ao texto, pois fica sem saber “quem fala”. Nestes casos, as poucas pistas que indicam o enunciador são verbos e pronomes na 1ª pessoa, sem identificação explícita do referente, como em:

(34) *“Em um sábado ensolarado **eu estava** na boa vendendo um vatapá e acarajé até que uma grande confusão começou só vi pessoas correndo gritando olha o arrastão, um moleke passou e derrubou **meus** salgados e levou **meu** dinheiro, um dos molekes deu um soco no rosto de um senhor e levou seus objetos de valor, tinha uns 100 molekes correndo roubando e quebrando tudo, um homem reagiu e juntou 5 molekes encima dele vieram mais 3 homens para pegar os molekes até que um deles puxou um revólver da cintura e falou que iria matar todos, então os homens não reagiram e eles continuaram a correr e fazer a limpeza nas pessoas **eu olhando e chingando por ter sido assaltada e meus salgados terem sidos jogados no chão**, trinta anos de praia e nunca **vi** nada assim tão pavoroso, e com dez minutos o molekes assaltaram todos e arrumaram toda essa confusão agora se as autoridades não tomarem providência sera sempre isso **estou até traumatizada** com isso e nem **quero** voltar na praia se as autoridades não tomarem providências.”*

(Anexo A 13)

Note-se, em (34), que há muitas marcas situacionais que poderiam levar à referenciação do enunciador presentes no texto, mas só por aquele leitor ciente de suas condições de produção. Não há referência explícita ao enunciador que se institui na instância enunciativa básica.

3.4.2 Estratégias mais utilizadas na construção do enunciatário

1. Indiciação nominal no início do texto: Através de vocativo, ou chamamento, o enunciatário é o primeiro elemento indiciado no texto, construção típica do gênero carta. O vocativo instaura o enunciatário, mas não garante que a relação enunciador/enunciatário seja mantida coerentemente no decorrer da narrativa, como acontece no exemplo abaixo:

(35) “**Sr. Jornal** estou indignada com o que ocorreu nesta manhã na praia. Sou uma senhora respeitada, já com os meus 60 anos e há 30 anos estou na praia vendendo meus quitutes a R\$0,50 cada.

Quando estava buscando o pão de cada dia vendendo algumas de minhas delícias o pessoal começou a correr e gritar e eu fiquei perdida sem saber o que fazer.

Uma mulher gritou:

– Arrastão! Arrastão! Salve-se quem puder!

Quando olhei: Vixi! Era muita raça de nego.

Não vi nenhuma polícia por perto e comecei a correr com os meus mais de 90 Kg e com a bacia de salgados.

Um nego me pegou e levou minha cesta, dizendo que era para sua mãe doente.

Agradeço a iemanjá pela sorte de conhecer um nego sendo poupada de gastar meu dinheiro.

Sr. Jornal, peço vocês que estão nos olhos do povo para comunicar as autoridades sobre esse fato.

Um abraço.

Esmeralda

Temos várias delícias: 38572213”

(Anexo A 8)

Note-se que, em (35), apesar de o enunciatário ser indiciado apenas duas vezes, através de vocativos, no começo e no final do texto, o leitor tem pistas para situar toda a narrativa na pauta da fala de um “eu” (Esmeralda) a um “tu” (você), “Sr. Jornal”. Desconsiderando-se a personalização de “Jornal”, há de se admitir que a referenciação da relação enunciador/enunciatário não prejudica a construção de um sentido “coerente” para o texto. E, note-se, tal relação instituída no âmbito de uma IE2 implementada pelo verbo

dicendi “gritou” é, em (35), plenamente integrada à referência global do texto, de modo a não prejudicar uma produção coerente de sentido.

O mesmo acontece no texto transcrito em (36), abaixo, apesar de o enunciatório ser indiciado apenas uma vez, no início:

(36) *“Itapuã, 25 de janeiro de 2000.*

Cara direção do jornal,

Eu sou esmeralda, uma velha baiana do vatapá e do acarajé. Eu já tenho 30 anos de praia e sei de tudo que se passa por esse mundo aí fora!

Já vi de tudo, e sempre vejo mais coisas que não me surpreendem mais.

Mas desta vez, o arrastão foi longe demais.

Eles já estão tomando conta da cidade, invadiram nossa praia e causaram tumulto em todos nós.

Eles chegaram batendo nas pessoas e levando quase tudo que elas possuíam. Até minha barraca e meus acarajés foram levados.

A violência tem que acabar, antes que seja tarde! A praia virou uma verdadeira muvuca. E a polícia, o que fez? Nada!

Se essas pessoas não forem punidas, vão acabar tomando conta da gente.

Temos que fazer algo!.”

(Anexo A 9)

Vejamos também o exemplo (37), abaixo, em que também o enunciatório é referenciado apenas no início:

(37) ***“Jornal Local,***

É com um imenso desgosto à certas atitudes de pessoas que existem nosso Brasil, que envio esta com o objetivo de informar-te sobre um acontecimento vivenciado não só por mim mas por muitas outras pessoas.

Aconteceu neste mês de Janeiro, em um Sábado ensolarado na Praia de Itapuã, era meio-dia a praia lotada e todo mundo na maior curtição. A praia é invadida por mais de duzentas pessoas, começa a correria, a confusão. As pessoas que invadiram a praia começaram a levando, ou melhor, roubando tudo o que viam pela frente. Isso chamou tanto a minha atenção quanto a do meu namorado Neto que saiu me puxando

para que as pessoas autoras do arrastão não nos alcançasse, mas o único meio que encontramos de fugir dessa violência e pouca vergonha dessas pessoas foi nos escondermos na barraca de uma baiana, a Esmeralda, até as coisas se acalmarém.

Ainda estou em “estado de choque” com toda essa situação que vem caracterizando o Brasil há algum tempo. Essas pessoas que causaram o arrastão com certeza devem ser punidas.

Dora Faleiro, Salvador”

(Anexo A 18)

Note-se que, ao contrário de (35) e (37), o texto transcrito em (36), apesar de não se mostrar grandemente prejudicado pela referenciação da relação enunciador/enunciatário construída, apresenta um problema: (35) e (37), através da referida relação, caracterizam-se claramente como uma carta, pelo seu fechamento. Isso já não acontece em (36).

Nestes três exemplos (35), (36) e (37), constata-se a utilização de vocativo indiciando o enunciatário. Mas, note-se, os autores utilizam-se de pouquíssimos outros mecanismos enunciativos na construção desse enunciatário. Em outras palavras, o que tais textos demonstram é que seus autores limitam-se a nomear o enunciatário sem monitorar sua construção na materialidade do texto como um todo, o que facilitaria a construção da coerência por parte dos leitores. Se o locutor apenas instaura um enunciatário através de expressões do tipo “Cara redação do jornal” ou “Sr. Jornal”, sem investir em sua caracterização na totalidade do texto, ele não está facilitando a construção coerente de um sentido para o texto por parte do leitor.

2. Referenciação vaga do enunciatário: chamou-se de enunciação vaga aquela que não é explicitada no corpo do texto, mas deixa marcas lingüísticas e pistas para a (re)construção do enunciatário dado a instauração do enunciador, como ocorre nos exemplos (38) e (39), abaixo:

(38) “**Escrevo para protestar** contra o âmbito que a violência chegou hoje em dia. Meu nome é Dora e **ontem**, eu e meu namorado, Neto, e a dona de uma barraca na praia, Esmeralda, presenciamos um ato de extrema violência.

*Estávamos **na praia** nós divertindo quando escutamos uma gritaria. Ao longe vimos uma massa de pessoas correndo e logo percebi, era um arrastão. Um bando de arruaceiros roubando e batendo nas pessoas e no meio da confusão várias delas, principalmente crianças, foram pisoteadas.*

Aquela cena ainda está na minha cabeça, uma coisa que eu carregarei pelo resto de minha vida. Todas aquelas pessoas correndo, gritando, chorando e pedindo por ajuda. Foi deprimente.

=> O que mais me revolta é que as autoridades não fazem nada quanto a isso. Dever-se-ia pegar esses desocupados e dar-lhes uma surra para nunca mais se esquecerem. Depois de disso, eles deveriam ser trancados na cadeia para sempre. Devemos retirar as frutas podres do pomar para não contaminar as outras.

Assim o Brasil iria para frente, tem que haver opressão contra esse tipo de pessoa desocupada para que sirva de lição para as outras. Quando o governo começar a investir na segurança da população e parar de investir em projetos inúteis ou pararem de surrupiar o dinheiro dos impostos pago pelo povo, poderemos começar a pensar em segurança, caso contrário, não.<=”

(Anexo A 17)

(39) “***Esta carta está sendo escrita*** para divulgar a revolta que eu estou sentindo por causa da violência, ***não tenho necessidade de que seja publicada mas sim lida.***

Sábado eu e meu namorado Neto fomos a ***praia***, afinal são férias. ***Mas daí*** apareceram uns delinquentes e roubam tudo o que conseguimos com muito esforço, como relógios, dinheiro. Minha revolta não é só por isso, que eles além de furtarem, eles maltratamos que resistem, como um velho que foi espancado e teve seus bens roubados. E depois de aprontarem essa arruaça sem nenhum policial aparecer eles saem em desabalada carreira com rumo ignorado, sem a punição devida. Depois vimos as imagens do arrastão, pessoas pisoteadas pelo chão, e vimos uma senhora calma ao lado de sua barraca de acarajé revirada, ela nos contou que a vida é desse jeito, e ela não tinha mais nada a fazer.

=> São muitas pessoas como ela que perderam todo o dinheiro do dia, e agora o que eles vão fazer. Eu estou é partindo para casa, Itapuã nunca mais. Quem sabe quando melhorarem a situação da criminalidade.

Mas têm-se uma situação agravante que me deixa mais revoltada, isso não é só em itapuã é em qualquer lugar do mundo. Será que não podiam arranjar um emprego para aquele que nos rouba. E definitivamente quem nos rouba não é só os pobres, tem alguém mais forte que não dá a chance deles viverem.<=

Dora”

(Anexo A 19)

Os dois exemplos, (38) e (39), apresentam estruturas semelhantes no que concerne à construção do enunciatário: ambos os textos iniciam-se indicando a ação de *escrever*. Os autores instauram-se como enunciadores no “aqui/agora” da instância enunciativa, marcados pelo uso dos verbos no presente do indicativo. O objetivo dos textos é, primeiramente, narrar um caso ocorrido em um lugar real – praia de Itapuã – e num tempo cronológico, como indicam as expressões em negrito. Nos dois textos o enunciador passa a “dissertar” sobre o assunto – violência, desemprego, etc – e parece esquecer-se de que esse seu texto era um “protesto” e uma “denúncia”, a ser dirigida a um alocutário bem especificado. Os trechos marcados nos textos entre os sinais => e <= mostram ao leitor causas, argumentos, explicações e justificativas a respeito do fato em si, o arrastão, embora não se possa dizer que configurem um protesto ou uma denúncia, mas sim um “desabafo”. Onde está, nos trechos citados, a referência ao enunciatário? A quem se dirige o enunciador?

3.4.3 Estratégias mais utilizadas na localização espaço-temporal da relação enunciador/enunciatário

Nos textos do *corpus*, como já foi dito e repetido anteriormente, muitas vezes o tipo de relação enunciador/enunciatário estabelecido pelos autores prejudica a construção da coerência textual, por problemas localizados na construção do enunciador, do enunciatário, ou mesmo pelo estabelecimento do objetivo do texto. Fator fundamental na configuração de uma instância enunciativa é o processo de construção do tempo e do espaço discursivos em que se situam enunciadores e enunciatários e a relação entre ambos. As estratégias utilizadas na implementação deste processo são indiciadas na materialidade do texto pelo uso de advérbios e locuções adverbiais, desinências verbais e outros tipos de expressão espaço-temporais. Tais estratégias são, então, fundamentais para o estabelecimento da coerência textual. A utilização de tais estratégias é que serão consideradas a seguir:

1. Sinalização da relação enunciador/enunciatário por advérbios e locuções adverbiais. Na criação e articulação de instâncias enunciativas os dados do *corpus* evidenciam a utilização de advérbios e locuções adverbiais para se situar têmporo-espacialmente enunciadores e/ou enunciatários, como pode ser verificado nos trechos abaixo:

(40) “***Em um sábado ensolarado*** eu estava na boa vendendo um vatapá e acarajé até que uma grande confusão começou...”

(Anexo A 13)

(41) “...envio esta com o objetivo de informar-te sobre ***um acontecimento vivenciado não só por mim mas por muitas outras pessoas.***

Aconteceu neste mês de Janeiro, em um Sábado ensolarado na Praia de Itapuã, era meio dia a praia lotada e todo mundo na maior curtição.”

(Anexo A 18)

(42) “Eu, Dora Augusta Almeida, estava ***na praia de Itapuã quando*** presenciei aquela confusão provocada pelo arrastão...”

(Anexo A 20)

Note-se que, nesses textos, os enunciadores são situados no “aqui/agora” do espaço discursivo de uma instância enunciativa ao mesmo tempo em que se referencia um tempo cronológico e um espaço físico correlacionados a fatos que são referenciados num tempo anterior ao tempo lingüístico da enunciação.

2. Sinalização da relação enunciador/enunciatário por desinências verbais: as formas verbais flexionadas têm, discursivamente, a função de, a partir do “aqui/agora” de cada instância de enunciação, situar enunciador(es), enunciatário(s) e sua relação em tempos e modos referenciados **na e pela** própria implementação da instância de enunciação, na articulação de três momentos: a) momento concomitante ao

“aqui/agora” da enunciação; b) momento anterior ao tempo/lugar enunciativo; c) momento posterior ao tempo/lugar enunciativo. Isto implica recorrer a estratégias específicas que podem afetar a localização espaço-temporal da relação enunciador/enunciatário. Veja-se um trecho do exemplo (39), repetido abaixo:

(39) “Esta carta **está sendo** escrita para divulgar a revolta que eu estou sentindo por causa da violência, não **tenho** necessidade de que **seja** publicada mas sim lida.

Sábado eu e meu namorado Neto fomos a praia, afinal são férias. Mas daí apareceram uns delinquentes e roubam tudo o que conseguimos com muito esforço, como relógios, dinheiro. Minha revolta não é só por isso, que eles além de furtarem, eles maltratamos que resistem, como um velho que foi espancado e teve seus bens roubados. E depois de aprontarem essa arruaça sem nenhum policial aparecer eles saem em desabalada carreira com rumo ignorado, sem a punição devida. Depois vimos as imagens do arrastão, pessoas pisoteadas pelo chão, e vimos uma senhora calma ao lado de sua barraca de acarajé.”

(Anexo A 19)

Os verbos destacados instauram e atualizam os tempos referentes a situações distintas, com enunciadores distintos: i. momento zero, em que a carta está sendo escrita, ii. momento futuro, em que a carta seria lida ou publicada (posterior ao momento da escrita), iii. momento passado, em que ocorreu o fato, arrastão (anterior ao momento da escrita). Note-se que a posição do enunciador em face dos eventos referenciados é totalmente prejudicada pela articulação da marcação morfofonêmica dos tempos/modos verbais. Considere-se, por exemplo, a seqüência: “**apareceram** uns delinquentes e **roubam**; eles maltratamos que resistem, como um velho que foi espancado e teve (...). E depois... eles saem...; Depois **vimos** as imagens do arrastão... (...) e **vimos** uma senhora calma...”. Note-se que no âmbito de uma única instância enunciativa não se encontram pistas que possam levar o leitor a situar o enunciador em relação aos eventos referenciados. Em outras palavras, no nível micro da configuração textual, a articulação dos tempos/modos referenciados no estabelecimento da relação enunciador/enunciatário prejudica a construção da coerência textual.

3. Sinalização da relação enunciador/enunciatário por verbos e expressões *dicendi*:

No exemplo (6), repetido abaixo, verifica-se, na parte em negrito, uma tentativa de

articular três instâncias de enunciação: a instância básica, IE1; a instância que referencia o diálogo travado com o casal de namorados, IE2; e a instância em que se constrói como enunciativa a vendedora de acarajé. Note-se que, em termos de representação escrita, a articulação destas três instâncias é efetivada de modo a prejudicar totalmente a construção da coerência textual:

(6) *Diversão por água abaixo*

Hoje, sábado na praia de Itapuã ao meio dia ocorreu o que e considerado uma vergonha para a cidade e que desepisiona cada ves mais os turistas, serca de 100 pessoas, provavelmente nativos invadiram a praia fazendo um roubo que é chamado de arrastão, muitas pessoas gritando, chorando, um pânico geral.

Apos ter passado o arrastão encontramos um casal de namorados, Neto jovem publicitário baiano e Dora namorada de Neto, estudante de Administração. “Nos estamos orrorizados com tanta violência, mas temos que perdoar, mas Dora retruca, “lugar de vagabundo de bandido e na cadeira. Tambem pegamos a palavra de uma vendedora de acarajé dona Esmeralda, “a vida e assim mesmo, o mundo e desse jeito não tem como mais mudar.

As autoridades tem que tomar uma posição diante disso, pois se continuar assim, vai chegar a um ponto que a praia não vai ser um lugar de diverção mas sim de tenção e medo, principalmente para os turistas.

(Anexo A 35)

Esses são alguns aspectos que puderam ser percebidos e catalogados na análise dos textos transcritos nos Anexos A 1 a 20. Em (43), transcrito abaixo, tem-se um exemplo de texto bem sucedido no que se refere à construção da referenciação coerente da relação enunciador/enunciatário:

(43) *“Salvador – BA, 16 de janeiro de 2001.*

Excelentíssimo Senhor Diretor

Eu, Dora Augusta Almeida, estava na praia de Itapuã quando presenciei aquela confusão provocada pelo “arrastão”, e estou completamente abismada devido a esse motivo, e espero que o senhor possa me ajudar, para que isso não possa acontecer de novo aqui.

Na minha opinião isto aconteceu devido a mal qualidade de vida das pessoas pobres, pois o mundo está assim hoje, porque estas pessoas estão passando fome e também não têm emprego para viverem de acordo com as suas necessidades e por isto estes milhares de homens vêem no “arrastão” a sua forma de sobrevivência, e por isso roubam as pessoas para conseguirem dinheiro.

Se as autoridades tomarem providências rápidas, com certeza isto vai acabar, pois quando o governo se interessa por alguma coisa, ele consegue.

A vida dessas pessoas são eventualmente ruins, mas por um lado, tem pessoas que fazem isto por pura maldade e merecem serem punidas, até mesmo com as suas mortes, pois eles tiram os sossegos das outras pessoas que estão na praia.

Obrigado por esta oportunidade!

Ass: Dora Augusta Almeida”

(Anexo A 20)

Por todos os mecanismos e estratégias analisados até aqui, o autor deste texto se instaura como enunciador em 1ª pessoa, tanto identificando-se no início do texto como apresentando assinatura, no fecho da carta. A coerência da escrita em 1ª pessoa se mantém por toda a extensão do texto. Esse enunciador correlaciona-se com um enunciatário adequadamente construído, expresso por “Excelentíssimo senhor Diretor”, no vocativo, e, ao final do texto, no momento em que o locutor agradece pela oportunidade de se expressar, objetivo primeiro do texto, a relação enunciador/enunciatário também se mostra coerentemente referenciada. Os tempos verbais, advérbios e pronomes, utilizados ao longo do texto, deixam marcas lingüísticas que permitem ao leitor do texto construir-se como enunciatário, e recuperar os elementos que compõem as condições de produção do texto.

3.5 Síntese

Optou-se, neste capítulo, por uma análise qualitativa do *corpus* e por um levantamento de alguns dos mecanismos e estratégias usados mais frequentemente pelos autores na construção, manutenção e articulação de instâncias enunciativas. Como foi dito, os 20 (vinte) primeiros textos que integram o *corpus*, ou seja, 50% da amostragem, serviram de ilustração dos mecanismos/estratégias utilizados na construção de instâncias de enunciação e

referenciação da sua relação enunciador(es)/enunciatário(s). Constatou-se, numa análise dos mecanismos sintático-discursivos utilizados pelos autores na produção de seus textos, que:

- a. na implementação de uma instância enunciativa, podem ser percebidas marcas lingüísticas que possibilitam ao leitor recuperá-la. A referenciação da relação enunciador/enunciatário é indiciada por meio da utilização de pronomes, verbos, advérbios e locuções adverbiais, que possibilitam, na representação escrita da língua, a construção de enunciadores, enunciatários, da relação entre essas entidades, bem como de sua referenciação em tempos e lugares discursivos, interferindo sobremaneira na construção da coerência textual.
- b. na construção do enunciador, foram encontradas três maneiras utilizadas para sua indicição: 1) indicição nominal na introdução do texto; 2) indicição nominal no final do texto, e 3) utilização de outros recursos como verbos e pronomes na 1ª pessoa, sem referência explícita ao enunciador que se institui na instância de enunciação básica.
- c. na construção do enunciatário, as marcas encontradas no texto foram: 1) indicição nominal no início ou no final do texto, através de vocativo; 2) utilização de outros recursos, como verbos e pronomes (você), sem referência explícita ao enunciatário, o que prejudica enormemente a construção da coerência textual.
- d. na construção da relação enunciador/enunciatário, situados no “aqui/agora” da instância enunciativa, foram encontrados: 1) advérbios e locuções adverbiais; 2) desinências verbais em tempos e modos referenciados na e pela própria implementação da instância, articulando-a em três momentos (presente, “aqui/agora”; posterior ao “aqui/agora”; anterior ao “aqui/agora”); 3) verbos e expressões *dicendi*, responsáveis por articular as instâncias enunciativas presentes na instância básica, do texto como um todo.
- e. enfim, a referenciação adequada da relação enunciador(es)/enunciatário(s), bem como sua localização em espaço e tempo discursivos, é fator fundamental na produção de um texto que possa ser chamado de coerente.

CONCLUSÃO

Adotou-se, na concepção deste trabalho, uma visão de linguagem como atividade interativa, que postula que a análise de um texto deve incluir as condições básicas de sua produção.

Essa visão foi sintetizada na introdução e no capítulo primeiro, no qual foram explicitados os pressupostos teórico-metodológicos necessários ao desenvolvimento da análise pretendida neste trabalho. Essencialmente, tais pressupostos foram fornecidos pela Teoria da Enunciação postulada por Benveniste (1970), principalmente aqueles apresentados no capítulo “O aparelho formal da enunciação”.

Adotando-se tais pressupostos, propôs-se, com esta pesquisa, identificar e explicitar os mecanismos enunciativos básicos utilizados por alunos da 2ª série do Ensino Médio na referenciação da relação enunciador/enunciatário, na produção de um texto a partir da especificação de suas condições de produção e o papel desta referenciação na construção da coerência textual.

Para executar esta tarefa, no segundo capítulo, intentamos realizar uma primeira análise, de caráter quantitativo, do *corpus*: 40 (quarenta) textos selecionados de um total de 80 (oitenta), 50% da amostragem inicialmente tomada como objeto de estudo. Tal análise consistiu em tentar explicitar a maneira segundo a qual os informantes: (a) construíram o enunciador de seus textos; (b) construíram os enunciatários de seus textos; (c) referenciaram a relação enunciador/enunciatário na configuração de seus textos.

Nesta análise, chegou-se às seguintes conclusões:

- a. do total de 40 (quarenta) textos analisados, 10% não forneciam aos leitores indícios de uma relação enunciador/enunciatário que os situasse

consistentemente no processo de sua produção/recepção, enquanto que em 90% esses indícios foram apresentados;

- b. dentre esses 90%, 47,5% traziam índices suficientes para possibilitar a (re)construção da relação enunciador/enunciatário, ao passo que em 42,5% isso não ocorreu;
- c. com relação ao objetivo do texto proposto na especificação de suas condições de produção (a denúncia), verificou-se que apenas 25% do total não atenderam a ele;
- d. com relação ao relato do evento, indiciando a relação enunciador(es)/enunciatário(s) num dado tempo e num dado espaço discursivos, verificou-se que, do subtotal de 36 (trinta e seis) textos, 53% foram bem sucedidos na tarefa, enquanto 47% não tiveram o mesmo êxito;
- e. os resultados gerais dessa primeira análise realizada sob uma ótica quantitativa apontam para um maior percentual de textos cujos autores parecem dominar os mecanismos e princípios necessários à ativação, articulação e monitoramento de instâncias enunciativas na produção de um texto escrito.

O terceiro capítulo foi dedicado a uma análise qualitativa do *corpus*. Foi feito um levantamento dos mecanismos e estratégias utilizados pelos autores/alunos na construção, manutenção e articulação de relações enunciador(es)/enunciatário(s), bem como dos recursos utilizados para a localização espaço-temporal dessas relações no âmbito de instâncias enunciativas. Procedeu-se a uma caracterização dos mecanismos sintático-discursivos empregados na construção de enunciadores, de enunciatários, e da relação enunciador(es)/enunciatário(s) visando a determinar o tipo de interferência de tais mecanismos na construção da coerência textual. Chegou-se às seguintes conclusões:

- a) na implementação de uma instância enunciativa, podem ser percebidas marcas lingüísticas que possibilitam ao leitor recuperá-la. A referenciação da relação enunciador/enunciatário é indiciada por meio da utilização de pronomes, verbos, advérbios e locuções adverbiais, que possibilitam, na representação escrita da língua, a construção de enunciadores, enunciatários, da relação entre essas entidades, bem como de sua

referenciação em tempos e lugares discursivos, interferindo sobremaneira na construção da coerência textual.

- b) na construção do enunciador, foram encontradas três maneiras utilizadas para sua indicição: 1) indicição nominal na introdução do texto; 2) indicição nominal no final do texto, e 3) utilização de outros recursos como verbos e pronomes na 1ª pessoa, sem referência explícita ao enunciador que se institui na instância de enunciação básica.
- c) na construção do enunciatório, as marcas encontradas no texto foram: 1) indicição nominal no início ou no final do texto, através de vocativo; 2) utilização de outros recursos, como verbos e pronomes (você), sem referência explícita ao enunciatório, o que prejudica enormemente a construção da coerência textual.
- d) na construção da relação enunciador/enunciatório, situados no “aqui/agora” da instância enunciativa, foram encontrados: 1) advérbios e locuções adverbiais; 2) desinências verbais em tempos e modos referenciados na e pela própria implementação da instância, articulando-a em três momentos (presente, “aqui/agora”; posterior ao “aqui/agora”; anterior ao “aqui/agora”); 3) verbos e expressões *dicendi*, responsáveis por articular as instâncias enunciativas presentes na instância básica, do texto como um todo.
- e) enfim, a referenciação adequada da relação enunciador(es)/enunciatório(s) bem como sua localização em espaço e tempo discursivos, é fator fundamental na produção de um texto que possa ser chamado de coerente.

As conclusões a que podemos chegar, levando em consideração os dados e a análise dos mesmos, são:

- a referenciação adequada da relação enunciador(es)/enunciatório(s), em espaço e tempo discursivos constituintes de/constituídas por instâncias enunciativas, é fator fundamental para a construção da coerência na produção de sentido de um texto;
- essa referenciação é instaurada a partir de determinadas estratégias linguísticas, que envolvem elementos sinalizadores no texto, tais como: pronomes pessoais, possessivos e

demonstrativos, advérbios e locuções adverbiais, desinências verbais e verbos *dicendi*, elementos dêiticos que têm seu significado ligado à instância enunciativa em que ocorrem;

- dessa forma, o processamento dêitico ajuda a estabelecer as relações entre enunciador e enunciatário, e desses com o espaço e o tempo em que estão inseridos, proporcionando produção de sentido coerente ao texto.

Esses resultados nos levam a repensar o processo ensino/aprendizagem nas escolas, e a querer sistematizar como objeto de estudo, na concepção, implementação e condução do processo de ensino-aprendizagem da escrita, os mecanismos sintático-discursivos envolvidos na referenciação da relação enunciador/enunciatário, um dos fatores determinantes da produção da coerência textual. Isto corresponde a utilizar na programação do ensino da escrita uma visão interativa da língua, que ponha em relevo todo o processo de enunciação e não apenas o texto, ou um fragmento de texto, resultado desse processo.

Pelos números obtidos na análise do *corpus*, pode-se afirmar que, mesmo conhecendo as regras da língua em sua modalidade culta, oral ou escrita, e dominando a gramática, ortografia etc, os alunos demonstram dificuldades na operacionalização de instâncias enunciativas. E o resultado, em grande parte dos casos, é a produção de um texto com problemas na coerência textual, problemas esses advindos da estruturação e referenciação da relação enunciador/enunciatário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, E. A natureza dos pronomes. In: **Problemas de lingüística geral I**. 2 ed. Pontes/Editora da UNICAMP, 1988. Cap. 20. p.227-283.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral II**. 2 ed. Pontes/Editora da UNICAMP, 1988.

CAFIERO, Delaine. **Influência do modelo de leitor no planejamento do texto escrito por crianças de 4º série**: seleção de informações. 1995. 235p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras da UFMG.

CASTILHO, A. T. Problemas de descrição da língua falada. Revista D.E.L.T.A., São Paulo, v. 4, n. 10, p. 47-71, 1994.

_____. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998. (Caminhos da Lingüística)

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. Modos de ordenar o tempo. In: FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão **Para entender o texto**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1991. Cap 17, p. 144-153.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996(a). (Ensaaios, 144).

_____. **Elementos de análise do discurso**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 1996 (b).

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Texto e linguagem)

HJELMSLEV, Louis. **Ensaaios lingüísticos**. Tradução por Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Perspectiva, 1991. (Debates, 159).

JAKOBSON, Roman et al. **Língua, discurso, sociedade**. Tradução por José Teixeira Coelho e Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Global, 1983.

JAKOBSON, Roman. **Lingüística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1971.

JESPERSEN, Otto. **The philosophy of grammar**. 10 ed. London: George Allen & Unwin, 1968.

_____. **Essentials of english grammar**. 22 ed. London, George Allen & Unwin, 1979.

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português**. São Paulo:Contexto/EDUC, 1997. (Repensando a Língua Portuguesa).

ILARI, Rodolfo & GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. 7 ed. São Paulo: Ática, 1995. (Princípios, 8).

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1995. (Repensando a Língua Portuguesa)

_____. **Coesão e coerência**: verso e reverso. (mimeo) 1996.

_____. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1990. (Repensando a Língua Portuguesa)

_____. **Argumentação e linguagem**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore G. Villaça;TRAVAGLIA, Luis Carlos. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1989.

LAHUD, Michel. **A propósito da noção de dêixis**. São Paulo: Ática, 1979.

LOPES, Maria Angela Paulino T. **O processamento dêitico na constituição da polifonia**. Belo Horizonte: PUC - MINAS, 1998. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

LYONS, Jonh. **Introdução à lingüística teórica**. Tradução por Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Ed. Nacional / Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

MAGALHÃES, Edna Maria Santana. **A construção de instâncias enunciativas em textos escritos do português culto do Brasil**. Belo Horizonte: PUC - MINAS, 1998. Dissertação de Mestrado apresentada ap programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução por.Freda Indursky. 3 ed. Campinas: Pontes, 1997.

_____. **Elementos de lingüística para o texto literário**. Tradução por Maria Augusta Bastos de Matos. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**_ 2 ed. São Paulo: Ática, 1991. (Princípios, 82).

_____. **Fala e escrita**: relações vistas num continuum tipológico com especial atenção para os dêiticos discursivos. II Encontro Nacional sobre fala e escrita (mimeo) 1995.

MATTOSO CÂMARA JR, J. **Dicionário de Lingüística e Gramática**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 30

MELO, Terezinha de. Aspectos dêiticos de lugar e espaço na fala espontânea de adulto e de criança. **Letras & Letras**, Uberlândia, v.4, n. 1 e 2, p. 67-86, jun./dez. 1988.

NEVES, Maria Helena de Moura. Os advérbios circunstanciais de lugar e de tempo. In: **ILARI**, Rodolfo (Org.). **Gramática do português falado**: Níveis de análise lingüística. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. V.2.

PIQUÉ, Jorge Ferro. Linguagem e realidade: uma análise do Crátilo de Platão. **Letras**, Curitiba: UFPR, n.46, p. 171-182, 1996.

ROSIELLO, Luigi. Língua. In: **ENCICLOPÉDIA EINAUDI**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, p. 99, V.2: Linguagem – enunciação.

SARMENTO, Leila Lauar. Oficina de redação. São Paulo: Moderna, 1997. p. 83.

VAN DICK, Teun. **A cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1992.

ABSTRACT

This work aims at analysing the role of referentiation of the enunciator/ enunciatee relationship in the construction of coherence in narrative texts produced by High School students.

Forty (40) texts were analysed both qualitatively and quantitatively in order to verify the mechanisms used by the author or authors to construct and keep a relationship between the enunciator and the enunciatee through the enunciative act. It can be verified that, although the coherence construction depends on the construction of the relationship between the enunciator/ enunciatee, on the construction of discursive space and time and on referentiation, without an efficient discursive processing coherence in text production can be damaged.

Key words: Enunciative Acts; Enunciator/ Enunciatee Relationship; Textual coherence.

ANEXO A - PRODUÇÃO DE TEXTOS DOS ALUNOS

TEXTO 1

Me chamo Esmeralda e estou enviando este texto com um único objetivo, a denúncia.

Trabalho na praia de Itapuã vendendo vatapá e acarajé, onde em um sábado de janeiro desse verão aconteceu uma coisa horrível.

A praia estava lotada, com pessoas de todos os lugares do mundo, e eu estava vendendo acarajé para um casal de namorados, que são meus antigos fregueses, a Dora e o Neto, quando de repente mais de duzentas pessoas da periferia invadiram a praia iniciando um arrastão. Todos começaram a correr, inclusive eu, pois não queria ficar sem meus acarajés. Como de costume, não tinha ninguém para impedir o desastre, pois os responsáveis pela segurança não estavam no local.

Depois do fim do arrastão, as pessoas ainda tinham esperança de encontrar seus pertences, mas “nada” foi recuperado.

Por isso, gostaria que vocês publicassem meu texto, para servir de alerta para os visitantes da praia e para que os órgãos públicos tomem providências, enviando policiais para fazerem a segurança.

Obrigada!

TEXTO 2

Eu me chamo Esmeralda e quero fazer uma denúncia. Já tenho trinta anos de praia e já vi de tudo mas aturar um arrastão em plena praia, ao meio-dia e lotado já é demais. Tenho uma barraquinha de vatapá e acarajé e ganho o suficiente para viver e estou satisfeita, mas neste sábado vi um arrastão que é pra levar tudo, até nós mesmos.

Eu sei que o mundo está às avessas, mas dessa vez, não foi brincadeira não, e ainda bem que só fiquei vendo, mas também minha freguesia foi toda embora.

Não vi o arrastão no começo, mas vi o suficiente e apesar de não ter medo de nada, fiquei meio horrorizada. Quando passaram perto de mim, vi tudo voar, passaram carregando tudo, até brinquedos porque na hora do desespero, vale tudo.

E o que quero denunciar é que, além de roubarem tudo, deixaram muitas pessoas traumatizadas, tive até que consolar um casal de namorados e alguns feridos.

TEXTO 3

Cara redação do Jornal Itapuã, me chamo Esmeralda, tenho 60 anos, 30 só de vender meus vatapás e acarajés na praia. Estou escrevendo essa carta para contar para vocês do Jornal como estou triste com a situação da nossa praia.

Bem eu já vi de tudo nessa minha vida, mas a situação dos nossos meninos que não tem nada na vida e nem nada para fazer para ocupar o tempo está muito ruim, eles estão cada vez mais entrando num mundo errado, o mundo do crime e da marginalidade e os nossos governantes não estão fazendo nada para melhorar essa situação, acho que eles não se importam de ver o mundo assim às avessas.

Sábado lá na praia de Itapuã foi uma coisa horrível uns 200 meninos, novinhos que poderiam até ser meus netos, entraram correndo na praia gritando: “arrastão, arrastão”, e levaram muitas coisas dos gringos e até de nós trabalhadores da praia, sem falar de quase derrubaram minha barraca mas o que eu fico triste é de saber que ninguém faz nada para ajudar esses meninos a saírem dessa vida.

Então é por isso que estou escrevendo para pedir se vocês podem tomar alguma providência para resolver esse problema, vocês são influentes e podem falar com os governantes ou publicarem alguma reportagem sobre o assunto para ver se as autoridades tomam alguma providência, e puderem fazer isso vou ficar muito grata.

Ass. Esmeralda

TEXTO 4

Tarde de sábado em Itapuã, a praia estava lotada como todo verão. As vendas do vatapá e do acarajé estavam altas, todos compravam, inclusive turistas. O sol estava escaldante e parei para tomar água na barraca de Dora. O movimento era intenso, havia somente sorrisos para todos os lados.

Foi quando avistei um multirão que vinha correndo lá do início da praia. Fiquei assustada e tratei de ir para a calçada pois já tinha visto aquilo antes. Não estava errada, era mesmo um arrastão.

Depois de todo tumulto fui conversar com Dora que estava muito nervosa. Acalmei-lhe os ânimos e fui para casa pensando comigo mesma: “O mundo é assim, às avessas – o que fazer?”

Essa é uma pergunta que me incomoda muito desde um tempo atrás, já não sei o que fazer, apenas esperar e ficar atento ao movimento, tenho que trabalhar

Depoimento de esmeralda (velha baiana do vatapá e do acarajé)

TEXTO 5

Assim não pode continuar

Eu, Esmeralda com trinta anos de praia, vi ontem o que há anos não via. A violência, sei que existe, estava começando a me acostumar. Mais ontem foi demais.

Estava na praia como de costume, vendendo meus acarajés. Perto de mim havia um grupo de pessoas entre eles um casal de namorados Dora e Neto. Nós estávamos conversando quando o arrastão começou.

No começo não me assustei pois sabia que mais cedo ou mais tarde isso iria acontecer. Mas logo depois vi uma coisa absurda o arrastão era enorme, mais de duzentas pessoas, o pior é que entre eles havia pessoas armadas e até policiais que foram exonerados na última CPI dos presídios!

Como sei disso? Fácil! Lembra do Neto? Uma das pessoas que compunham o arrastão ele conhecia, pois como voluntário na FEBEM conviveu com menores infratores, o menor lhe disse que os policiais estavam lá como meio de intimidação e protesto. Neto como sempre compreendeu os policiais. Eu mesmo sabendo que o mundo é assim mesmo, às avessas, resolvi escrever para o Jornal como meio de protesto. E tomará que algo seja feito pois desse jeito não pode continuar.

TEXTO 6

Eu Esmeralda, vendo vatapá e acarajé na praia de Itapuã. Há trinta anos vendo comida baiana na praia, e há trinta anos vejo os absurdos que acontece. È roubos, brigas, ontem mesmo vi a briga de um casal de namorados, o Neto e a Dora, brigavam por besteiras.

Na noite de Natal, aconteceu um roubo, eles chamam esse ato de arrastão. Todas as pessoas gritam, correm, seguram seus objetos de valor. O arrastão é bandidos que vem correndo e levam os objetos das pessoas.

Gostaria que tomassem alguma providência porque se não os brasileiros vão se acostumar com isso, e achar normal. E a cada dia mais a violência aumentará.

TEXTO 7

Um dia vai melhorar só depende de vocês

Meu nome é esmeralda José da Silva moro no bairro Esplendor na cidade de Itapuã e estou mandando uma denúncia a vocês ai da capital para os informar que aqui na cidade também estão acontecendo arrastões.

O arrastão já vem acontecendo frequentemente e da última vez ate levaram meus deliciosos vatapás que fiz com tanto amor. Isso nunca havia acontecido nos meus trinta anos de ambulante aqui na praia de Itapuã, pois ate então nenhum desses marginais daí da capital tinham chegado ate aqui.

O que quero também esclarecer que não só eu mas como muitas outras pessoas estão perdendo com isso, pois os turistas que estavam hospedados aqui foram todos embora horrorizados e dizendo que nesta cidade nunca voltariam.

Só quero dizer que se vocês não publicarem minha denúncia não só a minha cidade vai perder mas todo o país, pois tenho certeza que isso não acontece só aqui.

Agradeço de qualquer forma e digo que sempre vou lutar para que o nosso país possa voltar ao que já foi quando estava no auge dos meus 15 anos.

TEXTO 8

Sr. Jornal estou indignada com o que ocorreu nesta manhã na praia. Sou uma senhora respeitada, já com os meus 60 anos e há 30 anos estou na praia vendendo meus quitutes a R\$0,50 cada.

Quando estava buscando o pão de cada dia vendendo algumas de minhas delícias o pessoal começou a correr e gritar e eu fiquei perdida sem saber o que fazer.

Uma mulher gritou:

– Arrastão! Arrastão! Salve-se quem puder!

Quando olhei: Vixi! Era muita raça de nego.

Não vi nenhuma polícia por perto e comecei a correr com os meus mais de 90 Kg e com a bacia de salgados.

Um nego me pegou e levou minha cesta, dizendo que era para sua mãe doente. Agradeço a iemanjá pela sorte de conhecer um nego sendo poupada de gastar meu dinheiro.

Sr. Jornal, peço vocês que estão nos olhos do povo para comunicar as autoridades sobre esse fato.

Um abraço.

Esmeralda

Temos várias delícias: 38572213

TEXTO 9

Itapuã, 25 de janeiro de 2000.

Cara direção do jornal,

Eu sou esmeralda, uma velha baiana do vatapá e do acarajé. Eu já tenho 30 anos de praia e sei de tudo que se passa por esse mundo aí fora!

Já vi de tudo, e sempre vejo mais coisas que não me surpreendem mais.

Mas desta vez, o arrastão foi longe demais.

Eles já estão tomando conta da cidade, invadiram nossa praia e causaram tumulto em todos nós.

Eles chegaram batendo nas pessoas e levando quase tudo que elas possuíam. Até minha barraca e meus acarajés foram levados.

A violência tem que acabar, antes que seja tarde! A praia virou uma verdadeira muvuca. E a polícia, o que fez? Nada!

Se essas pessoas não forem punidas, vão acabar tomando conta da gente.

Temos que fazer algo!

TEXTO 10

Bis! Bis!

Mais uma vez! Denovo! Esse tal de arrastão já tá mais que comum no verão. E não é que os policiais ficam só assistindo aquele bando de pivetes e ladrões de todos os tipos se unirem e levarem tudo o que podem? Toda vez é a mesma coisa. A cada dia que passa o povo se acostuma. E não é que já tem gente que, na hora do arrastão já estende os braços com o que tem para evitar o transtorno que os pivetes causam ao “fuçarem” nas coisas?

É claro que isso não pode continuar, mas se as autoridades não fazem nada, o que é que nós vamos fazer? Ah, mas é claro que podemos fazer algo sim, não levar nada de valor, ir limpinho pra praia, e o dinheiro esconder onde ninguém possa imaginar.

Não podemos negar que, a cada dia que passa, a situação piora, já se foram os tempos em que se podia vir à praia tranquilamente, mas esse tempo existiu, o que está errado? A superpoluição, desemprego, falta de liderança do governo? É culpa de quem?

Ao decifarmos essa “bateria” de perguntas, acharemos a solução.

O que nos resta fazer, além de não levar nada pra praia e esconder o dinheiro, é esperar. Esperar que se tomem providências, iniciativas, é rezar para que o “BIS” não aconteça, apesar de impossível até certas medidas serem tomadas.

Mas nunca podemos nos esquecer que com fé e esperança tudo é possível. Palavra de baiana “véia”.

TEXTO 11**O arrastão**

Eu sou Esmeralda, uma velha baiana, faço vatapá e acarajé, que são populares por aqui, já vi de tudo, assassinato, atropelamento etc, isso tudo é uma verdadeira vergonha mas as pessoas são assim, por isso resolvi desabafar, contando o que aconteceu ontem um verdadeiro arrastão, todos correndo em pânico, e os outros levando o que podem, inclusive dos turistas.

Quero dizer ao Prefeito dessa cidade que se existe possa acabar com esse tipo de problema que sempre aconteceu, mas o de ontem ultrapassou os limites. Exijo que o Senhor resolva estes problemas, para que melhore tanto a segurança do nosso povo brasileiro e dos turistas, precisamos dar bons exemplos daqui e não essa vergonha. no arrastão que houve a maioria do povo ficou com as mãos abanando, umas, desmaiaram e outros ficaram machucados.

De um tempo pra cá, eu não estava preocupada, mas agora sim.

Enfim se o prefeito tomar uma atitude correta, viveremos com mais paz e harmonia, dando segurança para nós e para os turistas, e tentando achar os culpados de tudo e que isso não aconteça mais

TEXTO 12

Tenho anos de praia, já vi coisas absurdas que ninguém nem pode imaginar. Estava até pensando que já havia me abituado a violência e a coisas do gênero, mas ontem percebi que não.

Meu nome é Esmeralda, tenho 52 anos e 30 anos dedicados ao trabalho na praia. Na verdade, 30 anos dedicados ao trabalho na mesma praia e mais especificamente, no mesmo lugar. Todos aqui já me conhecem pelos meus famosos acarajés e vatapás, e o interessante é que eu aprendi a conhecer as pessoas e suas reações, sem mesmo conhecê-las.

Aliás, até ontem eu achava que havia aprendido. Estava no mesmo lugar de sempre, quando mais de duzentos pivetes invadiram a praia pegando tudo o que podiam, até eu entrei nesta roda, e tive minha barraquinha arremessada longe. Só isso já era motivo para deixar todo mundo indignado, mas como se não bastasse, todos ficamos surpresos com a reação da polícia. A violência já chegou a tao ponto aqui na Bahia, que os criminosos já comandam até a polícia. Digo isso porque no meio desta confusão que durou aproximadamente uns 10 minutos, não chegou uma viatura, e os policiais que lá estavam, os que não correram ficaram parados observando.

É por isso que eu acho que o Brasil não vai pra frente.

Mas como cidadã baiana, pesso por favor, que as autoridades possam dar um jeito, de pelo menos controlar esta violência, porque afinal, solução eu sei que não existe.

TEXTO 13

Em um sábado ensolarado eu estava na boa vendendo um vatapá e acarajé até que uma grande confusão começou só vi pessoas correndo gritando olha o arrastão, um moleke passou e derrubou meus salgados e levou meu dinheiro, um dos molekes deu um soco no rosto de um senhor e levou seus objetos de valor, tinha uns 100 molekes correndo roubando e quebrando tudo, um homem reagiu e juntou 5 molekes encima dele vieram mais 3 homens para pegar os molekes até que um deles puxou um revólver da cintura e falou que iria matar todos, então os homens não reagiram e eles continuaram a correr e fazer a limpeza nas pessoas eu olhando e chingando por ter sido assaltada e meus salgados terem sidos jogados no chão, trinta anos de praia e nunca vi nada assim tão pavoroso, e com dez minutos o molekes assaltaram todos e arrumaram toda essa confusão agora se as autoridades não tomarem providência sera sempre isso estou até traumatizada com isso e nem quero voltar na praia se as autoridades não tomarem providências.

TEXTO 14

Eu, Dora, sou uma estudante de administração, que venho através desta carta pedir uma oportunidade para demonstrar toda minha indignação com os órgãos de segurança do meu país.

No dia 13 de Janeiro, na Praia de Itapuã milhares de trabalhadores, pessoas dignas, foram aproveitar a maravilhosa tarde de sábado com seus filhos, eu como não sou casada ainda fui com o meu namorado Neto. Ao chegarmos lá vimos uma baiana que vendia vatapá e fomos comprar, esta foi a nossa sorte, pois quando estávamos comendo, vimos uma grande multidão, com mais de duzentas pessoas levando tudo que tinha em sua frente. Nunca vi uma coisa tão desesperadora e cruel como aquela. Pessoas inocentes sendo covardemente rolbadas e até mesmo espancadas por pivetes que não respeitam nem mesmo a dignidade da cidade onde moram.

Não sei se por falta de responsabilidade, ou de interesse os policiais só chegaram 30 minutos depois da confusão.

Agora, venho pedir justiça por todos nós que estamos nas mãos dos bandidos e abandonados por parte da justiça.

Obrigado pela oportunidade, e espero resposta.

TEXTO 15

Salvador, 15 de janeiro de dois mil

Ao Jornal da Cidade,

No último sábado desse mês de janeiro, e último dia que coloco os meus pés naquele antro de vandalismo e desrespeito, participei da pior cena que já vi na praia de Itapuã.

Sob um quentíssimo sol de verão estava eu e meu noivo Paulo Marques Silveira Neto, saboreando um acarajé na barraca de Dona Esmeralda, velha conhecida de meu noivo.

Derrepente formou-se um mar de pessoas correndo desesperadamente, gritando e chorando, centenas, milhares de semblantes de agonia surpreendidos por mais outras centenas de delinquentes malditos, se divertindo em sua inconseqüência repugnante. Era o arrastão.

Mais parecia uma manada de elefantes em debandada, desesperados pela presença de hienas, nas savanas africanas, e foi assim que eu me senti.

Paulo me deixou e correu à frente da debandada, tentando resgatar nossos pertences milésimos de segundos antes que chegasse toda aquela gente.

Eu estava em um lugar seguro e meus olhos corriam com toda aquela gente, a procura de Paulo. Depois dos segundos de agonia achei-o, desacordado, naquela areia.

Os malditos delinquentes sumiram e deixaram-no com sérios problemas.

Hoje, Paulo está internado na Santa Casa de Salvador com traumatismo craniano, e eu pergunto o que pode ser feito com esses bandidos infelizes, e como seremos ressarcidos do prejuízo, e tenho dúvidas até se meu querido verá novamente a luz do dia.

Além de demonstrar minha indignação, gostaria de saber o que está sendo feito para repelir esses malditos da sociedade, e colocá-los em seus devidos lugares nas cadeias.

TEXTO 16

Venho através desse meio de comunicação, descrever um fato muito comum nas nossas cidades. É o arrastão!

Em pleno meio-dia de sábado, na praia de Itapuã um enorme arrastão aconteceu deixando todos da praia muito nervosos e com medo, inclusive eu , que estava com meu namorado Neto curtindo um sol. Naquele momento recoremos a polícia local, que pra variar não fizeram nada pra nos proteger. Aonde vamos chegar nesse mundo? Onde vamos ter segurança e prazer de nos divertir em paz?

Tudo que tinha pela frente “aqueles mal amados” levaram. Foram bolsas, celulares, chinelos e até toalhas de banho. Eu acho mesmo é que esse povo deve ser preso. Além de comprometer nossa segurança, torna nosso ambiente pesado e nossa cidade um pesadelo. Chega de tanto medo; Vamos lá políticos, vamos mostrar serviço colocando esse povo na cadeia ao invés daqueles pobres inocentes, vamos construir cadeias, organizar nossa cidade. Ter pelo menos a certeza de sair de casa e saber que as coisas estão nos lugares, ter certeza de sair e ficar tranqüila que vai voltar viva. Sair com o carro e ter certeza que ele vai estar lá.

Venho então a lhes recorrer para alertar o povo e aqueles que fingem não encher gar os problemas. Aí eles estão, perturbando nossa consciência e fazendo com que as belas oportunidades de diversões possam ser desperdiçadas por causa da má administração e pela falta de segurança. Por isso ... Alerta!

Ah! Antes que eu me esqueça, até baianas, como Dona Esmeralda que já tem 30 anos de praia tem medo do arrastão, ela já é uma velha conhecida que como muitas outras tende a confortar os turistas dizendo: “o mundo é assim mesmo”.

Mas é assim mesmo, temos que proteger nosso pão de cada dia como que ela vai vender sem banhistas. Então boa praia e cuidado!

TEXTO 17

Escrevo para protestar contra o âmbito que a violência chegou hoje em dia. Meu nome é Dora e ontem, eu e meu namorado, Neto, e a dona de uma barraca na praia, Esmeralda, presenciamos um ato de extrema violência.

Estávamos na praia nós divertindo quando escutamos uma gritaria. Ao longe vimos uma massa de pessoas correndo e logo percebi, era um arrastão. Um bando de arruaceiros roubando e batendo nas pessoas e no meio da confusão várias delas, principalmente crianças, foram pisoteadas.

Aquela cena ainda está na minha cabeça, uma coisa que eu carregarei pelo resto de minha vida. Todas aquelas pessoas correndo, gritando, chorando e pedindo por ajuda. Foi deprimente.

O que mais me revolta é que as autoridades não fazem nada quanto a isso. Dever-se-ia pegar esses desocupados e dar-lhes uma surra para nunca mais se esquecerem. Depois de disso, eles deveriam ser trancados na cadeia para sempre. Devemos retirar as frutas podres do pomar para não contaminar as outras.

Assim o Brasil iria para frente, tem que haver opressão contra esse tipo de pessoa desocupada para que sirva de lição para as outras. Quando o governo começar a investir na segurança da população e parar de investir em projetos inúteis ou pararem de surrupiar o dinheiro dos impostos pago pelo povo, poderemos começar a pensar em segurança, caso contrário, não.

TEXTO 18

Jornal Local,

É com um imenso desgosto à certas atitudes de pessoas que existem nosso Brasil, que envio esta com o objetivo de informar-te sobre um acontecimento vivenciado não só por mim mas por muitas outras pessoas.

Aconteceu neste mês de Janeiro, em um Sábado ensolarado na Praia de Itapuã, era meio-dia a praia lotada e todo mundo na maior curtição. A praia é invadida por mais de duzentas pessoas, começa a correria, a confusão. As pessoas que invadiram a praia começaram a levando, ou melhor, roubando tudo o que viam pela frente. Isso chamou tanto a minha atenção quanto a do meu namorado Neto que saiu me puxando para que as pessoas autoras do arrastão não nos alcançasse, mas o único meio que encontramos de fugir dessa violência e pouca vergonha dessas pessoas foi nos escondermos na barraca de uma baiana, a Esmeralda, até as coisas se acalmarém.

Ainda estou em “estado de choque” com toda essa situação que vem caracterizando o Brasil há algum tempo. Essas pessoas que causaram o arrastão com certeza devem ser punidas.

Dora Faleiro, Salvador

TEXTO 19

Esta carta está sendo escrita para divulgar a revolta que eu estou sentindo por causa da violência, não tenho necessidade de que seja publicada mas sim lida.

Sábado eu e meu namorado Neto fomos a praia, afinal são férias. Mas daí apareceram uns delinquentes e roubam tudo o que conseguimos com muito esforço, como relógios, dinheiro. Minha revolta não é só por isso, que eles além de furtarem, eles maltratamos que resistem, como um velho que foi espancado e teve seus bens roubados. E depois de aprontarem essa arruaça sem nenhum policial aparecer eles saem em desabalada carreira com rumo ignorado, sem a punição devida. Depois vimos as imagens do arrastão, pessoas pisoteadas pelo chão, e vimos uma senhora calma ao lado de sua barraca de acarajé revirada, ela nos contou que a vida é desse jeito, e ela não tinha mais nada a fazer.

São muitas pessoas como ela que perderam todo o dinheiro do dia, e agora o que eles vão fazer. Eu estou é partindo para casa, Itapuã nunca mais. Quem sabe quando melhorarem a situação da criminalidade.

Mas têm-se uma situação agravante que me deixa mais revoltada, isso não é só em itapuã é em qualquer lugar do mundo. Será que não podiam arranjar um emprego para aquele que nos rouba. E definitivamente quem nos rouba não é só os pobres, tem alguém mais forte que não dá a chance deles viverem.

Dora

TEXTO 20

Salvador – BA, 16 de janeiro de 2001.

Excelentíssimo Senhor Diretor

Eu, Dora Augusta Almeida, estava na praia de Itapuã quando presenciei aquela confusão provocada pelo “arrastão”, e estou completamente abismada devido a esse motivo, e espero que o senhor possa me ajudar, para que isso não possa acontecer de novo aqui.

Na minha opinião isto aconteceu devido a mal qualidade de vida das pessoas pobres, pois o mundo está assim hoje, porque estas pessoas estão passando fome e também não têm emprego para viverem de acordo com as suas necessidades e por isto estes milhares de homens vêm no “arrastão” a sua forma de sobrevivência, e por isso robam as pessoas para conseguirem dinheiro.

Se as autoridades tomarem providências rápidas, com certeza isto vai acabar, pois quando o governo se interessa por alguma coisa, ele consegue.

A vida dessas pessoas são eventualmente ruins, mas por um lado, tem pessoas que fazem isto por pura maldade e merecem serem punidas, até mesmo com as suas mortes, pois eles tiram os sossegos das outras pessoas que estão na praia.

Obrigado por esta oportunidade!

Ass: Dora Augusta Almeida

TEXTO 21

As cenas da praia passam em minha mente repetidamente como um filme. Toda aquela multidão, gritaria, correria o calor de matar, tudo se embaralha dentro da minha cabeça e chego a ficar zozna.

Acho um incrível absurdo como coisas como estas ainda acontecem nos dias de hoje. Mesmo com tanta tecnologia a polícia não é capaz de nos proporcionar segurança nem quando vamos à praia para esquecer os problemas.

É difícil explicar como tudo começou, só sei que de repente um bando de pessoas começou a correr pela praia, vindo na direção em que eu e Neto (meu namorado) estávamos. Fiquei desesperada, comecei a pegar nossas coisas e quis correr, mas Neto me puxou pelo braço e disse que deveríamos ir para a rua e sair da praia.

Quando nos viramos o arrastão nos pegou e tudo ficou muito confuso, perdi tudo: bolsa, toalha, sombrinha e até a chave do carro. Estava tão apavorada que as lágrimas corriam pelo meu rosto sem que eu percebesse. Todos gritavam empurravam ao mesmo tempo, uma bagunça terrível, as pessoas se passando umas por cima das outras. Muitos se machucaram, um horror!

Neto e eu só tivemos alguns arranhões, mas, mesmo assim acho que uma providência deve ser tomada para acabar com tanta violência e falta de respeito, ou então teremos que nos trancafiar dentro de nossas casas, enquanto esses marginais ficam à solta por aí. Pra onde vão nossos impostos, já que nada está sendo feito para prevenir tal situação? Esses vândalos precisam de uma lição, para que nós, cidadãos, possamos viver em paz em nossa cidade.

Espero que após tal calamidade, as autoridades tomem alguma atitude e nos dêem mais segurança.

TEXTO 22

Eu, Dora, uma mulher digna e respeitável, passei a pior férias da minha vida, na praia de Itapuã, nunca mais irei esquecer daquele maldito dia.

Tudo começou quando eu meu namorado Neto, um publicitário, resolvemos passar as férias de Janeiro em Itapuã. Chegando lá, fiquei assustada com o número de pessoas, tinha de tudo quanto é tipo: moreno, loiro, juiz, negro, etc., já não gostei da idéia de ficar lá, mas Neto me convenceu de ficar pelo menos uns três dias.

É, tive que aturar toda aquela multidão, não via a hora de ir embora.

Finalmente o dia chegou, íamos embora a tarde, portanto Neto quis aproveitar a manhã de sol. Era sábado meio dia, o sol estava mais forte do que de costume e a praia estava mais cheia. Me distraí conversando com Neto e, quando eu olho pra frente só vi pessoas correndo, “atropelando” crianças que brincavam na areia, Neto me puxou e saímos correndo, ouvi pessoas gritando e dizendo: É o arrastão!”

Eu não gosto nem de lembrar, depois de minutos de correria e desespero, fui ver o que me tinham levado, entrei em desespero, pois não sobrou nem a roupa que fui à praia, então Neto e eu viemos embora na hora. Fiquei dias passando mal.

E é por isso que eu espero que com esta notícia, o governo tome alguma providência, é a única coisa que eu exijo, pois não podemos conviver com pessoas desse nível.

TEXTO 23

Eu Dora, escrevo a vocês para contar a verdade sobre o verão baiano.

Numa linda manhã de sol, e muito calor eu e meu namorado Neto, decidimos ir a praia curtir um sabado a moda baiana.

Quando lá chegamos havia muita gente, turistas de todas as partes do Brasil e do Mundo, devia de estar mais de 45°. A manhã foi passando e acistimos algumas confuções normais de praia, a polícia foi chamada mas não apareceu.

Fiquei revoltada com tanto vandalismo e resolvemos ir embora, mas antes fomos comer vatapá, na praia mesmo no carrinho da D’Esmeralda, conversa vai, conversa vem e derempe gritos, olhei, uma multidão correndo e gritando vindo na minha direção, me apavorei e comecei a correr, nunca vi coisa tao horrível, dona Esmeralda não consegui escapar e foi pisotiada pela multidão.

Hoje ela está no hospital gravemente ferida.

Fiquei tão revoltada que resolvi lhes escrever contando sobre a praia do pânico.

TEXTO 24

16 de março de 2001

Jornal Estado de Minas

Estou escrevendo para notificar um terrível fato que aconteceu na praia de Itapuã ao meio-dia de um sábado. Tudo aconteceu da seguinte forma: Neto que era o meu namorado estava caminhando para comprar uma água-de-coco e na sua frente estava Esmeralda que estava vendendo vatapá e acarajé, de repente muitas pessoas começaram a correr da praia, mas Neto e Esmeralda não entenderam nada e continuaram na praia, quando eles viram um tumulto envolvendo muitas pessoas.

Eu estava chegando neste momento quando o meu namorado gritou para que eu corresse, mas não dava mais tempo um grande arrastão e eu entrei em pânico, eles levaram todo o meu dinheiro e as roupas que eu estava segurando, de Esmeralda eles levaram tudo inclusive a cesta de vatapá e acarajé.

Nós fomos a polícia denunciar, mas eles não nos deram muita atenção e começaram a nos ignorar. Eu comecei a gritar com o policial para nos atender, até que ele anotou a denuncia, mas só colocou no arquivo e não tomou nem um tipo de providencia.

É por este motivo que estou escrevendo esta carta, para denunciar o tratamento da policia com as pessoas, pois com a impunidade é que a violência irá aumentar cada vez mais.

TEXTO 25

Ao Jornal Baiano

Meu nome é Dora, sou leitora do Jornal Baiano já a muito tempo.

Venho através deste, para denunciar; * primeiro, a falta de policiamento na praia de Itapuã. Pois no sábado passado dia 19 de abril de 1995, para ser mais exata ao meio dia aconteceu um arrastão de mais ou menos 200 pessoas; roubando tudo e todos que podiam, inclusive a mim.

E * segundo a incompetência de autoridades generalizadas, em todos os aspectos. A falta de atenção e de soluções revoltaram todos os prejudicados, que se reuniram resolvendo fazer este apelo à vocês da mídia.

Desde já agradecemos a atenção, com a esperança de sermos atendidos.

DORA

(em nome de todos prejudicados)

segunda-feira, 21 de abril de 1995.

TEXTO 26

O jeitinho brasileiro

Meu nome é Dora e venho através desta expor a minha indignação quanto a falta de segurança nas praias. O povo apelou até para as praias, se não bastasse os bancos, as lojas... Tudo bem que o mundo tá um caos, mas pra que tudo isso. Eu estava na praia de Itapuã, juntamente com minha avó, Esmeralda, e o meu namorado, Neto, em meio ao feriado de Carnaval, buscando me divertir, buscando tranquilidade; quando de repente cerca de duzentas pessoas invadiram a praia, levando tudo o que conseguiam era o arrastão, só se via pessoas gritando e correndo para lá e para cá, pânico e os turistas coitados, eu acho um absurdo essa falta de consideração para conosco, esse pessoal não entende que se os turistas forem embora a economia brasileira sofrerá desvalorização; e as crianças que nem podem se defender. Na minha opinião lugar de bandido é na cadeia, pior que na cadeia eles ficam piores, o que fazer, esse mundo está perdido. E nem se sabe se a cadeia vai ser para punir ou se é para corrigir. Peço que vocês procurem de alguma forma tomar alguma providência.

Dora Martins

TEXTO 27

Denúncie!!!

Era uma tarde de sol, eu e minha namorada estávamos nos deliciando com o maravilhoso acarajé de dona Esmeralda, que já nos conhecia a muitos anos. De repente mais de duzentas pessoas invadem a praia levando tudo o que conseguiam, fiquei admirado com tanta violência.

Ainda me lembro daquela cena, como se tivesse acontecido ontem.

Não tive tempo nem mesmo para pensar, foi quando um marginal me pediu o relógio, eu não quis entregar, pois era uma herança que ganhara do meu pai, então aquele homem retirou do bolso um punhal e me feriu gravemente.

No chão eu sangrava como um animal, enquanto Dora e Esmeralda se desesperavam por socorro, pessoas eram pisoteadas e tratadas como insetos.

Hoje graças a Deus estou curado do ferimento e disposto a denunciar o culpado ou culpados por toda esta violência.

TEXTO 28

Arrastão

Estávamos eu e minha namorada passeando na praia tivemos então uma uma brilhante ideia de irmos ao quiosque de dona Esmeralda comer um acarajé.

Minha mulher Dora, Já foi logo ganhando a atenção de dona Esmeralda, pois ela já era uma cliente muito especial.

Derrepente escutamos um barulho de pessoas correndo pra, todo lado até pra água do, mar. Mesas e cadeiras sendo quebradas e jogadas pra todo lado.

Dona Esmeralda já acostumada esse tipo de coisa pediu muita calma e que nos escondesse-mos dentro de seu quiosque. Como foi a primeira vez que vi isso falei:

– Nossa! Coitados devem estar precisando de ajuda!

– Amor! Essas pessoas são um bando de vagabundos querendo fazer uma sacanagem.

No outro dia cheguei a uma conclusão disso e escrevi uma carta ao jornal, Falando dessa barbaridade e pedindo ajuda para um melhor policiamento na área da ocorrência e contando o caso detalhadamente.

TEXTO 29

Ao jornal NB (Notícias Baianas)

Não sei se é do conhecimento de vocês o arrastão que teve ontem na praia de Itapuã, eu já procurei tudo quanto é policiais, governo e eles não deram a mínima. Vim atrás de vocês pois quero relatar o que vi. Eram mais ou menos meio-dia o sol estava rachando e o mar estava uma delícia.

Tinha pessoa de tudo quanto é jeito negros, brancos, louras, morenas, altos, pequenos, magra e gorda. De repente se ouviu um barulho lá do início da calçada era um arrastão de mais ou menos duzentas pessoas estava armadas e só ouvia ou via pessoas correndo, gritando chorando, guarda sol voando, meninos e meninas perdidas de seus pais e estas pessoas que estavam fazendo o arrastão não estavam nem aí.

Eu sou da filosofia de que tinha que compreender o mundo e perdoar a humanidade mais gostaria que vocês publicassem a matéria para o governo ou as autoridades públicas tomarem medidas contra estas ações de marginais que são constantes nas praias de Itapoã. Mais ontem dia 21/08/99 acho que foi demais vi muitas pessoas pisoteadas e muitas desaparecidas também. Gostaria que vocês ajudassem estas pessoas pois elas não tiveram culpa de nada. Desde já agradeço a vocês.

Atenciosamente 22/08/99

Neto

TEXTO 30

Bahia, 20 de janeiro de 2001

Estou escrevendo esta carta para vocês do jornal DIÁRIO DA TARDE a fim de que possam publicá-la. É uma denúncia sobre a violência que eu presenciei na praia de Itapuã no dia 15 de Janeiro de 2001. A história foi a seguinte:

Bom em primeiro lugar, meu nome è Neto. Sou um jovem publicitário e a cena que presenciei foi simplesmente horripilante.

Fomos eu e minha namorada Dora no sábado de manhã a uma das praias mais famosas da Bahia. Chegando lá logo cedo, a praia estava calma, poucas pessoas, todas muito animadas. Estava um clima bem familiar, crianças, vovôs, vovós...

Meio dia, fui com minha namorada até a barraca de dona Esmeralda, uma velha baiana muito simpática que há 30 anos vendia seus acarajés e vatapás nesse mesmo local. Como de costume, ela sempre contava as várias cenas que havia presenciado lá. Mas de todos esses casos contados o que mais nos impressionou foi o arrastão ocorrido na tarde passada. Aquele bando, invadindo a praia levando tudo o que viam pela frente. Crianças perderam-se de seus pais, algumas foram pisoteadas, realmente lamentável.

Voltamos para o local onde estava nosso guarda-sol, pois minha namorada não mais aguentava o sol. Foi que ouvimos gritos, muita correria ... pânico total! Era o arrastão acontecendo novamente. “Quê isso”? Será que vai virar rotina agora? Será que a violência nos assolará até nos momentos de lazer? Isso é um absurdo e eu, mesmo jovem estou indignado, por isso essa denúncia para que alguma providência possa ser tomada. Pelo menos é o que eu e todos os cidadãos de bem esperamos.

Obrigado pela atenção.

Neto

TEXTO 31**ARRASTÃO AO MEIO DIA**

Depoimento de Neto, jovem publicitário baiano que foi vítima de arrastão na praia de Itapuã, ao meio dia do sábado passado.

“Estávamos eu e minha namorada curtindo a praia por volta do meio dia, quando ouvimos gritos e berros, pessoas correndo desesperadas. Olhamos para o lado e vimos centenas de marginais, devem ter mais ou menos uns 18 anos ou mais, derrubando e roubando todos que ali se encontravam. Tentei fugir também mais fiquei estático ao ver um pivete dando chutes e arrancando alguns trocados de uma senhora idosa que vendia acarajé. Quando dei por mim, já estava atirado no chão, com os lábios sangrando. Eles levaram meu celular e meu tênis, e ainda a bolsa da minha acompanhante. Muitas pessoas depois do arrastão, cobraram policiamento, mais eu acho, na minha concepção, que o problema não poderia ser resolvido assim, eu entendo que deveria ter sido cortado o mal pela raiz, eu entendo que todos aqueles jovens estão ali por falta de escolha, por ter uma condição social muito baixa e por isso seguem esses meios nada éticos. Sou totalmente contra a violência e acho que se os policiais estivessem lá, não ia adiantar pois os “marginais” iriam apanhar e seriam soltos no outro dia. As questões sociais no Brasil devem ser revistas, pois pessoas estão sem ter o que comer e as vezes cometem atos como estes”

TEXTO 32**Violência as claras**

Sábado passado, estava eu e a minha namorada na praia, curtindo um sol, uma caipirinha. Foi quando, de repente, surgiram, do nada, um bando de pessoas que começaram a correr pela praia roubando, empurrando, machucando todas as pessoas que estavam no local, era um arrastão.

No meio da confusão, vi crianças sendo pisoteadas e, perdidas de seus pais, desesperadas, com medo. Vi famílias sendo roubadas, perdendo todos os objetos que haviam levado para a praia. Barracas foram quebradas, comerciantes tiveram altos prejuízos, turistas ficaram “perdidos”, sem entender o que ali se passava. Além de toda essa barbaridade, as pessoas que participaram do arrastão, ainda mataram uma pessoa, a minha namorada, a Dora, somente porque ela não quis lhes entregar uma bolsa.

Esses atos de violência são compreensíveis, acontecem por falta de atenção da classe dominante, dos políticos, com a população pobre, que se revolta e acaba cometendo tragédias como a que aconteceu sábado passado, e deixando pessoas inocentes mortas. Espero, que daqui por diante, as autoridades valorizem mais as classes menos favorecidas, para que atos como esses não ocorram mais.

TEXTO 33**Ainda tem cura**

No dia 23/07/99 num sábado ao meio dia local: praia de Itapuã, um belo sol de verão. Eu Neto estava na praia com minha família, Dora minha irmã e Esmeralda minha mãe quando derepente começa uma correria para todos os lados e multidão de pessoas levando o que pode tudo o que tinham direito, era um arrastão com mais de 200 pessoas.

Na minha opinião acho que e um problema grave; meus familiares como minha irma ficou indignada acha que deveria ser todos presos, esmeralda minha mãe não queria dar sua opinião sobre este assunto. No ponto de vista mesmo sendo um problema grave não sou radical compreendo o lado dos meninos (ladrões) pois podiam estar passando fome e frio, acho também que a culpa e do governo que não dão educação e emprego para estas pessoas, pois se tivesse uma educação rigorosa, e com emprego para todos não fariam isto, um ser humano com sá consciencia não faria este crime, por isso não as condeno e sou capaz de compriender e perdoar a humanidade.

TEXTO 34**Praia Violenta**

Estávamos na Praia de Itapuã, era sábado onze horas da manhã, o sol estava estatalado eu Neto estava com minha namorada Dora comprando um acarajé na barraca de Dona Esmeralda e quando derepente me deparei com uma onda de pessoas, elas estavam correndo contra mim e pegando tudo que viam pela frente. Quando vi aquilo não esperei o troco e corri direto para minha namorada, nesta hora o desespero já tinha tomado conta dela e de toda a praia, era gente correndo para todas as direções e crianças chorando. Foram cinco minutos de sofrimentos. Depois do arastão tinha criança perdida pra todo lado e as mães não sabiam o que fazer era uma visão de que nunca iremos esquecer.

TEXTO 35**Diversão por água abaixo**

Hoje, sábado na praia de Itapuã ao meio dia ocorreu o que e considerado uma vergonha para a cidade e que desepisiona cada ves mais os turistas, serca de 100 pessoas, provavelmente nativos invadiram a praia fazendo um roubo que é chamado de arrastão, muitas pessoas gritando, chorando, um pânico geral.

Apos ter passado o arrastão encontramos um casal de namorados, Neto jovem publicitário baiano e Dora namorada de Neto, estudante de Administração. “Nos estamos horrorizados com tanta violência, mas temos que perdoar, mas Dora retruca, “lugar de vagabundo de bandido e na cadeira. Tambem pegamos a palavra de uma vendedora de acarajé dona Esmeralda, “a vida e assim mesmo, o mundo e desse jeito não tem como mais mudar.

As autoridades tem que tomar uma posição diante disso, pois se continuar assim, vai chegar a um ponto que a praia não vai ser um lugar de diverção mas sim de tenção e medo, principalmente para os turistas.

TEXTO 36

Fim de semana confuso

Dedico esse comunicado ao jornal local “Gazeta hoje em dia” sobre o incidente ocorrido na Praia de Itapuã com a jovem estudante de administração Esmeralda Bernardes. Tudo começou assim: era um fim de semana como outro qualquer onde um grupo de universitários se reúnem para descansar e aproveitar os dias em que estão livres de todo stress que uma vida pode lhe proporcionar.. farra, som, comida, mulheres, do jeito que os brasileiros sempre pedem, enfim tudo o que existe nas praias.

Apesar de ser um local muito frequentado, praia não é um lugar onde o qual não se deve levar objetos de valores mas o inevitável sempre pode acontecer e aconteceu. Foi ontem quando um grupo de loucos invadem a praia levando tudo que podem arrancar das pessoas é a mais prejudicada foi a estudante de São Paulo que foi praticamente assaltada em pleno sol de verão sem ninguém para ajuda-lá.

Isso é uma grande decepção pois daqui uns tempos a polícia terá de ficar na praia observando as pessoas que não podem conviver em grupo.

Espero que o Jornal possa alertar as pessoas a tomarem certos cuidados, enquanto isso irei aguardar.

TEXTO 37

15 de março de 2001

Jornal:

Eu na minha única folga do mês fico indignado, por trabalhar tanto e me esforçar para ter um feriado em que eu não passe pelo constrangimento de ter que, correr, e deixar minha linda praia por causa dos freqüentes arrastões que ocorrendo na praia de Itapuã. E as autoridades oque fazem sobre isso?

Aqueles pobres coitados, que não tem nada para comer, sem saúde sem moradia, como que eles se sentiam.

Se fosse eu também faria parte desse arrastão para que as pessoas vejam oque nós passamos.

Eu estou escrevendo isso para mostrar para vocês que o problema para ser resolvido não basta policiais, tem que melhorar a própria distribuição de riquezas.

Vocês do Jornal devem mostrar mais e criticar mais esse grave problema

TEXTO 38

O dom de perdoar

Praia de Itapuã. Lotado ao meio-dia de um sábado, começa um arrastão, quando neto assusta, um trombadinha arranca o relógio de seu pulso e sai louco correndo pelo calçadão da praia, muito indignado com aquela situação, por ser o primeiro dia que Neto vem a praia, e só tem uma semana de férias, ele resolve chamar o jornal local, com o passar de 10 minutos chega dois carros de entrevista, para relatar o caso, então ele dá sua explicação, sem ter onde ficar por enquanto para almoçar e dormir. Neto fica conhecendo o prefeito da cidade, seu Calixto, que o convida para hospedar em sua casa, chegando a casa de seu calixto, eles logo vão querendo almoçar e começam a bater papo, então Neto conta ao Prefeito que foi assaltado, imediatamente seu Calixto reúne várias viaturas de polícia e sai a procura desse trombadinha por toda cidade, Neto também relatou suas principais características para fazerem o Retrato Falado, em pouco tempo eles pegaram o menor, conseguiram o relógio de volta, e perguntaram o que Neto queria que fosse feito, e ele disse que podiam soltar o menor, porque ele compreende o mundo e acredita num mundo melhor.

TEXTO 39

Fodas

Até agora, estou me perguntando o que estava fazendo naquela praia. Apenas estava tentando me divertir, descansar e ficar tostado ao sol. Como sou estúpido, ficar ali parado, como se estivesse esperando algo acontecer, e aconteceu. Deveria estar em um escritório roubando, ou tentando trabalhar, tentando evoluir. Mas não, por um momento quis parar de evoluir, para descansar e na tentativa de fugir da evolução eu fui pego, e me retiraram tudo que tinha como um cardume de piranhas ataca um boi, uma forma evoluida de ataque é eficiente contra uma forma pacata de vivência, hoje não se vive, e sim sobrevive.

Ainda resta uma dúvida se a evolução continuar será que vamos sobreviver?

Faça a evolução maldito leitor, se sobreviver me conte.

TEXTO 40

Itapuã 16 de março de 2000

Boa tarde

Venho pedir-lhes encarecidamente para que publiquem meu apelo: “sinto saudades do tempo em que podíamos sair para um passeio e voltarmos ainda mais satisfeitos para casa. Não sei que graça tem em roubar, matar, infernizar a vida dos outros. Meus valores são altos demais para aceitar tamanha baixaria e pouca vergonha que tenho visto ultimamente nas praias em que fui. Hoje em dia é difícil ter uma vida digna, tem de trabalhar muito e quando queremos um descanso, somos obrigados a ver tamanho absurdo. Pessoas correndo, mães desesperadas, filhos gritando. É uma vergonha. e tendo como base meu quero alertar a população para que juntamente comigo possamos acordar essas “autoridadezinhas” e colocar todos esses marginais em seus devidos lugares que é a cadeia. Obrigada, e conto com a colaboração de vocês” (sic)

O Dia, 27 de março

ANEXO B – PRODUÇÃO DE TEXTOS DOS ALUNOS (FOTOCÓPIAS)